

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



Traduzindo

***Paroles du Maître Nuno Oliveira, de Antoine De Coux***

Reflexão sobre o processo de tradução

Clara Sofia Matos Garcia

Trabalho de Projeto  
MESTRADO EM TRADUÇÃO

2014

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



Traduzindo

***Paroles du Maître Nuno Oliveira, de Antoine de Coux***

Reflexão sobre o processo de tradução

Clara Sofia Matos Garcia

Trabalho de Projeto orientado pelo  
PROF. DOUTOR PIERRE LEJEUNE

MESTRADO EM TRADUÇÃO  
2014

### **Agradecimentos**

Gostaria de deixar uma palavra de agradecimento ao João Matos, pelo apoio e pelo incentivo; à Joana Correia, por ter acreditado mais do que eu; à Filipa Cruz, pelo interesse e pela cumplicidade; ao José Neto, pela disponibilidade e pela generosidade com que partilhou os seus conhecimentos.

Por último, fica uma palavra imprescindível de agradecimento ao meu orientador, Prof. Doutor Pierre Lejeune, pela seriedade, pela disponibilidade e pela atenção com que acompanhou a realização deste trabalho projeto.

## Resumo

O trabalho de projeto que é alvo de análise no presente relatório foi realizado com o objetivo de proporcionar uma experiência de tradução próxima da prática de tradução enquanto atividade profissional. Neste sentido, procurou-se desenvolver um trabalho que permitisse aplicar as competências adquiridas em experiências anteriores e na componente letiva do Mestrado em Tradução, aperfeiçoar essas mesmas competências e desenvolver outras.

Foi neste espírito que se propôs a tradução da obra *Paroles du Maître Nuno Oliveira*, da autoria de Antoine De Coux. Trata-se de uma obra que pretende disponibilizar os apontamentos que Antoine De Coux tomava durante as lições que o mestre Nuno Oliveira dava na Bélgica, aquando da sua deslocação anual a esse país. Os seus apontamentos foram agrupados por temas e são um conjunto de orientações, conselhos e experiências na área do ensino de cavalos que passam, assim, a estar disponíveis para a comunidade dos cavaleiros em geral. Sendo Nuno Oliveira um dos mais importantes cavaleiros do século XX, esta obra reveste-se de especial importância para os praticantes de equitação, em especial, os que se dedicam à modalidade de ensino.

Feita a tradução da obra, foi redigido este relatório. Este pretende ser a descrição do processo de tradução e uma reflexão sobre o mesmo. Sendo assim, numa primeira fase apresenta-se a obra, o seu autor e o cavaleiro Nuno Oliveira. Em seguida, faz-se uma análise da obra, com o intento de demonstrar a sua especificidade e refletir sobre a forma como as suas características determinam o processo de tradução. Por fim, analisa-se as dificuldades encontradas, a forma como foram tratadas e as opções feitas. Em anexo, pode-se encontrar a tradução da obra, bem como o original em francês.

**Palavras-chave:** análise do processo tradutológico; dificuldades de tradução; propostas de tradução; tradução técnica

## Résumé

Le travail de projet qui est analysé dans ce mémoire a été réalisé avec l'objectif de rendre possible une expérience capable de reproduire la pratique de traduction en tant qu'activité professionnelle. Dans ce sens, ce travail a été non seulement l'opportunité d'appliquer les compétences acquises pendant d'autres expériences de traduction et au cours de l'année académique du Masters en Traduction, mais aussi de les perfectionner et développer.

C'est dans cet esprit que la traduction de l'ouvrage *Paroles du Maître Nuno Oliveira*, d'Antoine De Coux, a été proposée. Il s'agit d'un livre qui a été publié dans le but de rendre disponibles les annotations qu'Antoine De Coux a prises pendant les leçons données par l'écuyer Nuno Oliveira dans ces séjours en Belgique. Les annotations ont été organisées par thème et sont un ensemble d'orientations, conseils et expériences dans le domaine du dressage qui sont, ainsi, disponibles pour d'autres chevaliers. Sachant que Nuno Oliveira est un des plus importants écuyers du XX<sup>e</sup> siècle, cet ouvrage a une importance particulière pour tous les pratiquants d'équitation, en particulier ceux qui se consacrent au dressage.

Ce mémoire a été rédigé après la conclusion de la traduction de l'ouvrage avec l'objectif de décrire le processus de traduction et la réflexion qu'il a suscité. Donc, dans un premier temps, l'ouvrage, l'auteur et l'écuyer Nuno Oliveira sont introduits. Ensuite, une analyse du texte de départ présente ses spécificités et nous donne une réflexion sur la façon dont les caractéristiques de l'ouvrage peuvent déterminer le processus de traduction. Finalement, la traduction de l'ouvrage, ainsi que l'original français de se trouvent sous la forme d'annexe à ce mémoire.

**Mots-clés:** analyse du processus de traduction; difficultés de traduction; propositions de traduction; traduction technique

## Índice

Introdução ao relatório: objetivos e intenções.....	8
1. A escolha da obra: <i>Paroles du Maître Nuno Oliveira</i> , de Antoine De Coux .....	9
1.1. Pertinência e justificação da escolha da obra .....	9
1.2. Apresentação da obra .....	10
2. A preparação da tradução.....	11
2.1. O autor da obra e o Mestre.....	11
2.2. Caracterização da obra e do discurso: especificidades.....	15
2.2.1. Um texto marcado pelo discurso oral e por uma escrita sucinta .....	15
2.2.2. Discurso prescritivo e informativo .....	25
2.2.3. Linguagem técnica e especializada .....	27
3. A tradução: reflexão e análise do processo de tradução .....	32
3.1. Tradução de frases com construções clivadas e pseudo-clivadas para português.....	33
3.2. Marcas de oralidade ou de um discurso composto por anotações .....	36
3.2.1. Menor formalidade ao nível da construção frásica .....	36
3.2.2. Reforço e reformulação .....	38
3.2.3. Frases nominais.....	39
3.2.4. Verbo no infinitivo.....	39
3.2.5. Discurso abreviado e esquematizado .....	41
3.2.6. Deixis: marcas de pessoa – “vous” .....	43
3.2.7. Ambiguidades.....	44
3.2.8. Elipses e implícitos .....	45
3.3. Discurso hipotético.....	47
3.4. A modalidade deôntica .....	49
3.5. Construção sintática e ordem de palavras .....	50
3.6. Modulação.....	51
3.7. Tradução de determinantes .....	52
3.8. Gerúndio.....	53
3.9. O verbo “être” .....	54
3.10. A linguagem da especialidade .....	55
Conclusão .....	59
Bibliografia .....	60

Webgrafia .....	61
Apêndice: o original e a tradução .....	62

## **Introdução ao relatório: objetivos e intenções**

Tendo já traduzido a obra *Paroles du Maître Nuno Oliveira*, de Antoine de Coux, inicio agora o presente relatório para concluir o meu trabalho de projeto, realizado no âmbito do Mestrado em Tradução. Com este trabalho pretendo fazer uma análise e uma reflexão sobre a tradução previamente realizada. Será, pois, uma forma adequada de terminar o trabalho desenvolvido ao longo dos últimos tempos e, consequentemente, o mestrado

Experiências anteriores na área da tradução, nomeadamente um estágio de tradução, assim como os dois primeiros semestres do Mestrado, prepararam-me para desenvolver este trabalho, na medida em que me permitiram refletir sobre a atividade de tradução, questionar e analisar métodos, desenvolver competências enquanto tradutora e refletir sobre o tipo de tradutora que gostaria de ser ou o que procuro obter enquanto resultado final do meu trabalho.

Assim sendo, este trabalho de projeto é desenvolvido com o objetivo de pôr em prática as competências e os conhecimentos adquiridos e sobretudo com a intenção de desenvolver um trabalho próximo da atividade profissional de tradução. Neste sentido, constitui-se como uma oportunidade para crescer enquanto tradutora, permitindo-me aperfeiçoar a minha prática.

Com a realização deste relatório, pretendo refletir sobre o processo de tradução. Dou especial atenção à forma como a tipologia do texto original e as suas características, assim como o seu objetivo e público-alvo condicionam as opções de tradução. Analiso igualmente a forma como o contexto em que a obra foi produzida poderá determinar o trabalho de tradução e as escolhas envolvidas. Naturalmente, são ainda examinadas algumas das dificuldades encontradas, assim como as opções de tradução tomadas.

Sendo assim, numa primeira fase, apresento a obra traduzida, contextualizando-a e caracterizando-a, e, numa segunda fase, é feito um trabalho de análise e reflexão sobre as dificuldades e problemas de tradução encontrados, assim como sobre a forma como foram tratados.



## **1. A escolha da obra: *Paroles du Maître Nuno Oliveira*, de Antoine De Coux**

*O primeiro passo que dei para iniciar este trabalho de projeto foi a escolha da obra que iria traduzir. Neste sentido, importa talvez apresentar as razões que me levaram a escolher Paroles du Maître Nuno Oliveira, de Antoine de Coux e, em seguida, fazer uma breve apresentação da mesma.*

### **1.1. Pertinência e justificação da escolha da obra**

Relativamente à eleição deste livro de Antoine De Coux, dois princípios orientaram a minha decisão: por um lado, gostaria de escolher uma obra cujo tema me fosse próximo e que conhecesse suficientemente bem, ao ponto de conseguir realizar a tradução com segurança e com conhecimento; por outro lado, queria traduzir uma obra que acrescentasse algo ao que tem sido publicado sobre a matéria e que, assim, se revelasse pertinente pela importância do autor ou assunto abordado.

Neste sentido, no que respeita à temática escolhida, ao refletir sobre possíveis áreas e temas, a escolha acabou por surgir de forma clara e natural: como praticante regular de equitação há alguns anos, em particular da modalidade de ensino, e como apaixonada por cavalos, o livro a traduzir deveria estar relacionado com o mundo equestre. De facto, o interesse por esta área seria uma motivação muito especial e o facto de ter aulas de equitação regularmente, assim como o conhecimento do meio e as leituras frequentes dar-me-iam um conhecimento suficiente sobre este desporto e a arte equestre para me sentir segura para traduzir uma obra sobre esta temática. Desta forma, a “linguagem” e os conceitos usados na obra ser-me-iam familiares e, no caso de surgirem dúvidas, teria a possibilidade de as esclarecer com cavaleiros profissionais. Esperava, assim, que a minha experiência me pudesse ajudar no processo de tradução e nas escolhas que faria e que o resultado final do meu trabalho beneficiasse dela.

Tendo já escolhido a temática, restava-me decidir que livro eu gostaria de traduzir. Justamente por saber do prestígio alcançado por Nuno Oliveira e da importância que o seu trabalho assumiu no meio equestre, influenciando a forma de montar de diversos cavaleiros, percebi que uma obra que tivesse por base os ensinamentos deste cavaleiro seria sempre pertinente. Seria também uma obra atual, porque o seu relevo é tal que Nuno Oliveira é ainda hoje referido e citado em artigos da especialidade e em conversas mais ou menos formais, quer em Portugal, quer no estrangeiro. Por outro lado, o facto de esta obra não estar traduzida em português (apesar de já estar traduzida em inglês) e o facto de haver atualmente tão poucas obras disponíveis no mercado, em português, sobre a equitação de Nuno Oliveira (haverá mais edições recentes em inglês e francês do que em português) foram dois aspetos determinantes na minha escolha.

## 1.2. Apresentação da obra

A obra *Paroles du Maître Nuno Oliveira* tem por base os apontamentos que Antoine De Coux tomou durante os estágios que Nuno Oliveira dava na Bélgica, mais concretamente sobre os conselhos e orientações que este dava aos cavaleiros que vinham ter lições com ele.

Na verdade, devido ao seu prestígio, eram vários os cavaleiros que queriam ter aulas com Nuno Oliveira, em busca de ajuda para se aperfeiçoarem. Alguns eram cavaleiros que procuravam progredir no trabalho com um cavalo num nível mais elementar (cavalo novo ou já adulto), outros eram cavaleiros que tinham cavalos com um nível de ensino mais avançado e que gostariam de chegar a um nível superior da equitação. Durante essas lições, Nuno Oliveira ajudava-os a perceber erros que estivessem a ser cometidos no ensino do cavalo ou aspetos a melhorar, dava-lhes conselhos para obterem os resultados desejados e partilhava métodos de trabalho que ele utilizava e que considerava úteis a cada binómio cavalo/ cavaleiro. Era neste contexto, enquanto aguardava a sua vez de montar ou depois de já ter tido a sua lição, que Antoine De Coux se sentava com o seu caderno a assistir às lições dos outros cavaleiros e apontava o que o mestre ia dizendo.

Desta forma, são vários os aspetos abordados ao longo da obra. Poderemos dizer que são focadas as questões mais importantes da modalidade de ensino<sup>1</sup> e, por isso, esta revela ser uma obra abrangente. Por uma questão prática, tendo em vista a sua publicação, as anotações de Antoine de Coux foram organizadas por temas, que correspondem aos capítulos que compõem o livro. Certos capítulos abordam questões mais genéricas, como “Remarques d’ordre général”, “Équitation, dressage, tact”, “Position et aides”, “Impulsion, cadence, légèreté, rectitude, équilibre”, “Exercices, allures, transitions, cercles, allongement, serpentines”. Outros capítulos abordam os diferentes andamentos do cavalo e explicam como os trabalhar e aperfeiçoar. São eles “Le travail au pas et au trot” e “Le travail au galop”. Há ainda capítulos sobre exercícios específicos, como “Arrêt et reculer”, “L’épaule en dedans, exercice clé de l’équitation”, “Appuyer” ou “Piaffer, Passage, Pas Espagnol”. Por último, encontramos ainda dois capítulos dedicados ao ensino de cavalos novos (“Le jeune cheval”, “Échantillons de leçons et d’exercices avec de jeunes chevaux”).

Em suma, trata-se de uma obra com um caráter iminentemente prático, que visa guiar o cavaleiro no seu trabalho diário e que reflete claramente a visão que Nuno Oliveira tinha da arte equestre.

---

<sup>1</sup> **Definição da disciplina de ensino (« dressage », em francês) :** « Le dressage consiste à faire évoluer les chevaux afin de montrer l’élégance de leurs mouvements et leur facilité d’emploi. Dans les compétitions, les évolutions se font sur des reprises composées de mouvements classiques et de figures imposées ou libres, le cheval évoluant dans les différentes allures. Le dressage a pour but le développement des qualités d’un poney ou d’un cheval au moyen d’une éducation harmonieuse. Il a pour conséquence de le rendre calme, souple mais aussi confiant, attentif et brillant, démontrant la plus grande complicité possible avec son cavalier. Le dressage constitue aussi une base pour toutes les disciplines équestres visant à développer la relation cavalier-cheval et à faire progresser les qualités du cheval comme la locomotion, la souplesse et l’équilibre. » (in Fédération Équestre Française - <http://www.ffe.com/Disciplines-Equestres/General/Dressage/Presentation-du-Dressage> [consultado em 06/08/2014])

## **2. A preparação da tradução**

*Estando a obra escolhida, o passo seguinte foi preparar a tradução. Antes de mais, queria conhecer melhor aquele que a redigiu e aquele que a inspirou e cujas palavras constituem a sua matéria. Neste sentido, foi feita uma pesquisa que teve o objetivo de reunir informações sobre a biografia e bibliografia de Nuno Oliveira, como forma de completar as informações que já tinha sobre este cavaleiro, e li a introdução à obra como forma de recolher informações sobre o seu autor, já que mais nenhuma informação sobre este foi encontrada. A seguir, encontramos os elementos que considero mais importantes para uma melhor compreensão da obra.*

### **2.1. O autor da obra e o Mestre**

Antoine De Coux é o autor da obra traduzida, uma obra que pode bem ser considerada fundamental para todos aqueles que seguiram o mestre de equitação Nuno Oliveira, que respeitam o seu trabalho e seguem a sua forma de montar e mesmo para todos aqueles que de uma forma mais séria praticam uma modalidade equestre.

Da vida de Antoine de Coux, poucas informações estão disponíveis. Mas, algumas informações foram dadas com a edição deste livro para que possamos compreender melhor a decisão de publicar os seus apontamentos e o contexto em que foram feitos. Começamos então por conhecer melhor este diplomata, que a dada altura se cruzou com Nuno Oliveira e de quem se tornou amigo.

Antoine De Coux foi diplomata no Congo Belga e, ao regressar à Bélgica em 1966, passou por Portugal. Foi durante esta breve estadia que conheceu Nuno Oliveira. Tendo sido De Coux um apaixonado por cavalos e cavaleiro de reconhecidas capacidades, não é de estranhar que tenha procurado aprender com o mestre Nuno Oliveira e que, desta forma, tenha frequentado os estágios que este deu na Bélgica entre 1966 e 1989, ano da morte do mestre. É assim que Antoine de Coux se torna num dos mais fiéis alunos de Nuno Oliveira, como é referido na introdução à obra, assim como seu amigo. Durante os estágios, enquanto não montava, De Coux tinha o hábito de tomar notas das palavras do mestre durante as lições que este dava aos outros alunos. Assim, acabou por reunir diversos cadernos com os apontamentos que tomava sobre os ensinamentos do mestre, porque estes o ajudariam a digerir melhor tudo o que era dito e o que ia aprendendo.

Após a morte do mestre, Antoine De Coux tomou a decisão de organizar todos estes apontamentos para publicação, consciente da importância que eles teriam para todos os praticantes de equitação. Contudo, faleceu antes de terminar esta enorme tarefa de organização e seriam alguns dos seus próximos que terminariam o trabalho.







Já do mestre Nuno Oliveira mais se sabe. Mas comecemos por dizer que se trata de um dos maiores mestres de equitação do século XX. A sua forma de montar e de ensinar os cavalos ainda hoje é respeitada e tida como exemplo um pouco por todo o mundo equestre.

Não posso deixar de contar que pouco antes de começar a redação deste texto me deparei com uma citação de uma frase de Nuno Oliveira, feita numa rede social pelos responsáveis pela promoção dos próximos Jogos Equestres Mundiais, que se realizaram no final de agosto de 2014, em Caen, França. Trata-se de mais uma evidência de que Nuno Oliveira

continua a ser uma fonte de inspiração e uma referência para todos os praticantes de equitação, mais de vinte anos depois da sua morte.

Nuno Waldemar Nunez Marques Cardoso Pery de Linde Abreu Oliveira nasceu em 23 de Junho de 1925 e faleceu em 2 de Fevereiro de 1989 com sessenta e quatro anos. Começou a aprender a montar ainda criança no picadeiro de um seu familiar, Joaquim Miranda. Com a morte deste familiar, em 1940, Nuno Oliveira assumiu a responsabilidade de montar os cavalos do picadeiro. Decidindo dedicar-se totalmente à vida equestre, passou por vários outros picadeiros, onde montou cavalos de clientes e deu aulas, ganhando alguns alunos fiéis. Mais tarde, em 1973, comprou a Quinta do Brejo, em Avelleda, na Malveira, onde se estabeleceu, instalando aí o seu picadeiro, e onde passou a viver. Dotado de um espírito culto e de grande sensibilidade, muitas vezes foi aí encontrado a montar sozinho ao som das obras de Verdi.

Cedo ganhou o respeito dos seus pares e começou a ser procurado por alunos, tanto portugueses, como estrangeiros, que se deslocavam à Quinta do Brejo para ter aulas com ele. Nuno Oliveira defendia que quem ensinava e praticava equitação devia fazê-lo com base em valores tais como leveza, liberdade, beleza e harmonia. Não se pode dizer que tenha sido o primeiro a afirmá-lo, mas podemos dizer que o disse e praticou com especial sensibilidade e de forma particularmente inspiradora. Dizia: "O cavaleiro que constantemente segura o seu cavalo com um forte contacto não pode nunca progredir; só o cavaleiro que sabe como trabalhar o seu cavalo em liberdade descobrirá a arte de montar."<sup>2</sup>

Gostava bastante de ler obras sobre a arte equestre, em particular sobre o que consideramos a disciplina equestre de ensino, de mestres como Baucher, De La Guerinière ou Fillis. Mas, também ele se dedicou à escrita, deixando algumas obras, que são hoje mais uma forma de conhecermos o seu trabalho e a sua forma de montar. Em português, não existem edições recentes da sua obra. Contudo, em 2006, a editora francesa Belin publicou as suas



Normandie2014 @normandie2014 · Aug 5

[QUOTE] Reward the horse a companion and not a slave, you will see what an extraordinary friend he is. - Nuno Oliveira  
[pic.twitter.com/dGqMHMdQWJ](https://pic.twitter.com/dGqMHMdQWJ)

**Fig. 2 - Imagem e citação publicadas em 05/08/2014 na conta oficial dos Jogos Equestres Mundiais no Twitter**

<sup>2</sup> in <http://www.quintadobrejo.pt/mnuno.html> [consultado em 05/08/2014]

obras completas num só volume (obras que já tinham sido publicadas entre 1970 e 1980 pela Éditions Crépin). Ficam aqui os títulos das obras publicadas pela Belin : *Réflexions sur l'art équestre*, *Principes classiques de l'art de dresser les chevaux*, *Propos d'un vieil écuyer aux jeunes cavaliers*, *Souvenirs d'un écuyer portugais*, *Notes sur l'enseignement de Nuno Oliveira*, *Les chevaux et leurs cavaliers*.

Por tudo isto, o mestre, como era chamado, percorreu o mundo para dar lições, começando pela Suíça e passando pela França, Bélgica, Espanha, Itália, Áustria e Inglaterra, entre os países europeus. Destaca-se talvez o contacto mantido com algumas das maiores escolas de equitação europeias, como o Cadre Noir, em França, e a escola de Viena de Áustria. Mas, Nuno Oliveira não se ficou pela Europa, acabando por se deslocar também a outros países para dar os seus estágios e transmitir a sua experiência. Entre os países visitados, estão o Perú, a Costa Rica, os EUA, as Filipinas, o Canadá, a Austrália e a Tailândia.

Foi, portanto, neste contexto que Nuno Oliveira conheceu Antoine De Coux e com ele estabeleceu laços de amizade. Foi também neste contexto, de mestre e discípulo, que foi coligida a matéria-prima do livro que traduzi: os ensinamentos do mestre.

O seu talento, a autodisciplina e o verdadeiro amor que sentia pelos cavalos levaram-no a ser respeitado e seguido, a atingir a excelência. Apesar de ter trabalhado com outras raças, o seu nome ficará sempre associado ao ensino de cavalos de raça lusitana, pelos quais sentia especial admiração.

Com base em tudo o que leu e também na sua prática e observações diárias, Nuno Oliveira acabou por formar o seu próprio estilo, a sua própria equitação, e todo o trabalho que desenvolveu justificou o grau de Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique pela expansão da cultura portuguesa.

*A preparação inicial passou também pela leitura do livro, não só com o entusiasmo de quem lê um livro sobre uma área que lhe desperta especial curiosidade, mas também com olhos de tradutor. Procurei com esta primeira leitura apreender o espírito da obra, compreender bem o seu contexto e os papéis de cada um dos intervenientes. Sentindo que esta seria uma etapa importante para conseguir a melhor transposição possível para o português, não só me preocupei com a compreensão das palavras de Nuno Oliveira, como pretendi captar o tom do autor, o estilo da escrita, o próprio ritmo do discurso. Foi durante esta leitura que identifiquei algumas passagens problemáticas e foram consideradas eventuais soluções, da mesma forma que se reuniram as informações necessárias à caracterização que a seguir se apresenta. Em resumo, durante a leitura da obra, tive a preocupação de analisar o texto de forma a compreender as suas especificidades, já que tal seria essencial ao trabalho que se seguiria, a sua tradução.*

## 2.2. Caracterização da obra e do discurso: especificidades

A obra *Paroles du Maître Nuno Oliveira* não é um manual de equitação ou uma comum obra de consulta sobre o tema. Tem um caráter marcadamente didático, por ser um registo de lições dadas pelo mestre, mas é sobretudo o registo de experiências vividas e observadas, de apontamentos tomados sobre palavras ouvidas, tal como o seu título revela. Na verdade, esta obra é a voz de Nuno Oliveira pela mão de Antoine de Coux. E isto domina-a e define-a.

Quando vemos a matéria-prima deste livro nas primeiras páginas da edição original, ou seja, ao olharmos para as páginas dos cadernos de apontamentos de Antoine De Coux repletas com as notas que este tomava, percebemos claramente a natureza do livro. Embora o trabalho de organização dessas notas não tenha sido acabado por Antoine De Coux, quem o fez teve a preocupação de respeitar a sua intenção primeira: fazer do livro o reflexo o mais rigoroso possível das palavras e das aulas de Nuno Oliveira. Ao lermos a introdução à obra e a obra em si, percebemos que a grande preocupação foi a fidelidade ao original, mais do que qualquer preocupação relacionada com estilo ou forma. Não se quer dizer com isto que não tenha havido uma preocupação com a forma do texto, simplesmente ela não dominou a preparação das notas para publicação. Na verdade, o livro procura ser fiel às palavras e, como tal, reflete um discurso oral. Ambiciona perpetuar as palavras e as ideias, os conhecimentos, os métodos e as experiências tal como foram transmitidos. Pretende que a voz de Nuno Oliveira se ouça e assim permaneça. As palavras de Suzanne Laurynty na Introdução veem comprová-lo:

*Les « notes » d'Antoine sont la reproduction d'un langage parlé. Les ponctuations représentent la pose de la voix, la succession, l'enchaînement de l'explication, de la pensée. Le maître, qui avait un talent didactique exceptionnel, n'hésitait pas à redire les mêmes choses, mais il ne les disait pas de façon identique. Pour que l'élève comprenne, il trouvait mille tournures afin qu'elles s'adaptent à la compréhension de son et de ses élèves. Les « notes » D'Antoine en sont le reflet. Nous pensons, en outre, que la répétition cadencera la compréhension du lecteur. Nous espérons qu'il se croira à cheval et qu'il sentira ce qu'il faut faire et ne pas faire. [p. 10]*

Em seguida, são apresentadas de forma mais detalhada as especificidades desta obra, com o objetivo de se fazer uma análise das características que determinaram o trabalho de tradução e as suas escolhas. Na verdade, um bom conhecimento da obra, das suas características e especificidades, é essencial para que se possa alcançar uma boa tradução.

### 2.2.1. Um texto marcado pelo discurso oral e por uma escrita sucinta

Na verdade, e tal como referido, a obra tem origem nos apontamentos de um aluno de Nuno Oliveira e, sendo assim, é o registo de aulas dadas pelo cavaleiro. O facto de ser o resultado de um conjunto de apontamentos justifica a escrita sucinta e económica que encontramos ao longo da obra, assim como a própria organização do texto. Na realidade, ao lermos o livro, percebemos que este reúne um conjunto de notas dispersas tomadas durante diferentes lições, ocorridas ao longo dos vários anos em que Nuno Oliveira se deslocou à Bélgica. Por isso, a escrita da obra revela diversas características do texto de apontamentos. É ainda comum encontrar características próprias do discurso oral, na medida em que os

apontamentos registam as palavras do mestre. Não constitui uma transcrição deste, obviamente, mas terá absorvido algumas das suas especificidades. Começamos, então, por elencar as principais características que encontramos não só no código oral, que poderão ter sido transportadas para os apontamentos, com as devidas transformações, mas também no discurso típico de um texto de apontamentos. Em seguida, veremos de que forma estas se manifestam no texto traduzido.

O tipo de discurso em questão caracteriza-se geralmente por uma maior liberdade e menor formalidade na forma como as ideias são expressas, em comparação com o código escrito mais formal. Ele será ainda menos rigoroso em termos gramaticais ou formais, dependendo o rigor e o respeito pelas prescrições formais do contexto da enunciação.

Verifica-se uma maior dependência do contexto nos discursos orais e nos textos de apontamentos. Neste sentido, verifica-se a utilização de um léxico de características anafóricas, que só é compreendido graças ao contexto (é exemplo disso a utilização de palavras como “coisa”, “isso”, “objeto”), e são frequentes as elipses e os implícitos discursivos.

Na verdade, este discurso é menos planificado, o que se concretiza em frases curtas, pelas diversas ruturas no discurso (quer seja de palavras, de sintagmas ou de enunciados), pelas antecipações e retrocessos no discurso, pelas inversões e mudanças bruscas de tópicos, pelas repetições, pausas ou uso de bordões linguísticos.

Recorre-se frequentemente a estratégias de reforço ou de correção: as revisões e reformulações são evidentes e geram repetições, intensificações de sentido e precisões metalinguísticas.

Para terminar, constatamos ainda o predomínio das formas de 1.<sup>a</sup> pessoa e de 2.<sup>a</sup> pessoa no discurso oral devido à menor distância discursiva entre os intervenientes, que utilizam a melodia, a modulação da voz e as pausas como forma de comunicação, elementos estes que serão substituídos pela pontuação num enunciado escrito. Desta forma, sempre que são utilizadas construções orais num texto escrito, estas deverão ser acompanhadas de pontuação adequada, frases intercaladas, explicações e descrições para compensar a ausência de referentes situacionais que possam ajudar a compreender a mensagem.

No entanto, apesar de precisarmos de um conjunto de referências suplementares, a presença da oralidade num texto escrito confere-lhe uma certa leveza e torná-lo-á menos extenso, mais espontâneo e, por isso, mais capaz de transmitir verosimilhança aos sentimentos e emoções expressados. Sendo assim, a presença da oralidade no discurso escrito permitirá uma aproximação entre o leitor e o narrador, as personagens ou os intervenientes no discurso. Da mesma forma, permitirá uma maior proximidade do leitor em relação à situação, fazendo com que este se sinta parte dela, como se a vivesse ou, pelo menos, como se estivesse a ouvir o que se está a passar. É justamente este efeito que a presença de algumas características do discurso oral tem na obra *Paroles du Maître* Nuno Oliveira.

Vejamos então como estas características se manifestam no texto original.

#### **a) Maior liberdade e menor formalidade ao nível da expressão de ideias**

Como referido, do ponto de vista das prescrições formais e da normalização, estamos perante um discurso menos formal. Na verdade, sendo o texto original fruto de um conjunto de apontamentos, por um lado, e tendo em conta o discurso oral que dá origem aos



apontamentos, por outro, é natural que esta menor formalidade tenha acabado por estar presente no discurso da obra traduzida.

Neste sentido, há vários exemplos de **frases nominais**, que são o reflexo de um discurso abreviado, fruto de uma tentativa de escrita rápida, em que o mais importante será anotar o máximo de informação possível, comprometendo-se, assim, o rigor formal da escrita.

i) *Importance de ne pas laisser le cheval se pendre aux rênes.* [p.62]

ii) *Discipline des figures.* [p.67]

Um outro exemplo desta menor formalidade é a utilização do **verbo no infinitivo**, quando tal não seria esperado.

i) *Ne pas entamer un exercice si la position (de tête par exemple) n'est pas bonne.* [p.60]

ii) *Dans le travail latéral, d'abord penser à la poussée des anches (...).* [p. 69]

Ao longo da obra encontramos ainda várias **construções próprias da oralidade** e do **discurso abreviado** ou **esquemático**.

i) « *Ce qu'il faut, c'est 1) équilibre d'abord, 2) les "mouvements" après.* » [p.62]

ii) « *L'impulsion, c'est la faculté pour le cheval de rester dans la même cadence (...).* » [p.62]

iii) « *Le public se rassied. Mise au pas. Récompense. Caresses.* » [p.63]

Uma outra questão que importa analisar é a forma como as orações, frases e ideias são articuladas. É bastante comum encontrarmos situações de **parataxe**, ou seja, a relação lógica é estabelecida de uma forma implícita. Neste sentido, cabe ao leitor estabelecer ou inferir as relações lógicas, recorrendo ao conhecimento que tem do contexto da enunciação (noção de como uma clínica ou uma lição decorre) e do assunto (o ensino de cavalos e a arte equestre).

Neste primeira frase, temos uma relação implícita de justificação e condição, que só é percebida graças ao conhecimento que o leitor tenha da matéria.

i) « *Cherchez la pureté des trois allures, [parce que, si vous le faites,] le reste viendra avec facilité.* »

Nos próximos casos, notamos a ausência da conjunção coordenativa copulativa “et”. No primeiro exemplo, podemos ainda notar a ausência da conjunção completiva “que” a seguir ao verbo “dis”, fruto do discurso abreviado recorrente.

i) « *Aux allures latérales, le cheval doit faire des pas complets, [et] pas des demi-pas.* » [p.108]

Contudo, quando a **relação lógica entre orações** é estabelecida de forma explícita, encontramos sobretudo, ao nível da **coordenação**, o predomínio de orações coordenadas copulativas, adversativas e causais (utilização frequente das conjunções “et”, “mais” e “car”) e, ao nível da **subordinação**, orações que exprimem um discurso hipotético. Neste sentido, os articuladores pouco variam, como é característica do discurso oral que transparece nesta obra.

i) « Quand dans une épaule en dedans le cheval va seul, gardez les rênes en position mais sans action (...). » [p. 111]

ii) « Si à l'épaule en dedans le cheval se met derrière la main, c'est-à-dire si la rêne intérieure est flottante, c'est qu'il a l'encolure cassée. » [p. 108]

É ainda frequente encontrar frases que começam com a conjunção coordenativa copulativa “et”, o que indica que essa frase será a continuação direta da anterior. Tal também comprova a informalidade do discurso, já que, num texto mais rigoroso do ponto de vista formal, essas frases estariam unidas, formando orações coordenadas copulativas. Estaremos possivelmente perante um caso em que a pontuação serve para reproduzir uma pausa feita no discurso.

Ainda em termos de articulação do discurso, podemos constatar o recurso frequente à conjunção “donc”. Pela frequência com que é usada, constitui mais uma marca da oralidade no texto e um reflexo do discurso explicativo tão próprio desta obra.

i) « Il faut donc la commencer par rêne droite pour sortir l'épaule droite e l'amener à l'intérieur. Et après faire intervenir la jambe gauche. » [p. 110]

Tendo em conta a análise feita, podemos concluir que a articulação das orações através da coordenação ou da subordinação surge quase sempre associada a uma justificação de opções e à explicação ou descrição de comportamentos ou ações a tomar pelo cavaleiro.

Uma outra marca da menor planificação do discurso e da presença de marcas de oralidade é a oscilação frequente entre a primeira e a terceira pessoa ao nível do sujeito da enunciação, de uma forma pouco preparada e algo repentina. São as **marcas do sujeito da enunciação** e a identidade do mesmo que o comprovam. Na verdade, em certos casos, o discurso surge na terceira pessoa para referir o que Nuno Oliveira disse acerca de um determinado assunto. Noutros casos, encontramos um discurso na primeira pessoa, estando esta associada à reprodução do discurso de Nuno Oliveira, sem que o **discurso direto** tenha sido introduzido.

i) « N.O. fait la distinction entre le piaffer comme prise d'équilibre (utile) et le piaffer forcé après lequel le cheval s'ouvre et raidit son dos. » [p. 118]

i) « C'est pour cela que je dis : mariez le cercle, le coin, l'épaule en dedans. » [p. 108]

Por último, poderemos analisar ainda a própria organização do discurso do ponto de vista formal, como, por exemplo, a organização em **parágrafos**. Na verdade, para além da organização por capítulos, que permite criar grandes temas e reagrupar as notas tomadas de uma forma mais clara e lógica, a organização das ideias dentro de cada capítulo denota alguma falta de planificação do ponto de vista formal. Tal deixa-nos adivinhar que um parágrafo, ao contrário do que indicam as normas, poderá espelhar uma pausa no discurso (um silêncio), um comentário feito à parte ou uma simples forma de elencar ou destacar informação. No primeiro exemplo, temos duas frases separadas por um parágrafo, mas, na verdade, a segunda constitui a continuação lógica da primeira e não uma simples ideia adicional, não existindo, por isso, qualquer mudança de assunto. Assim, será necessário que o leitor tenha algum conhecimento do que está a ser explicado para compreender corretamente o texto e a articulação das ideias. No segundo exemplo, encontramos um discurso marcado por parágrafos, quando estamos perante uma explicação relativa à passagem de um cavalo à guia. Não existe, portanto, qualquer mudança de assunto e as três últimas frases poderiam facilmente constituir uma única frase. Esta situação será reflexo de um discurso económico, próprio de anotações, que foram tomadas no momento por Antoine De Coux, cuja preocupação principal seria reter as ideias fundamentais. Será ainda reflexo do facto de a obra tentar organizar fragmentos das anotações de acordo com a temática, que foram retirados do seu contexto inicial para se reagruparem tendo em vista a publicação da obra.

- i) Je rappelle qu'avant de toucher avec l'éperon il faut relaxer la jambe.// Et ne pas lui permettre de se mettre au galop (...). [p. 59]
- ii) « Céder quand le cheval cède. //La longe c'est les rênes.// La chambrière c'est les jambes.// Il faut accorder les deux. » [p. 130]

#### **b) Importância do contexto para a compreensão do texto**

Sendo este um texto profundamente marcado pela oralidade, em diversos momentos, o conhecimento do contexto revela-se fundamental para a compreensão das palavras de Nuno Oliveira. Por um lado, temos o contexto da situação de enunciação, por outro lado, temos o contexto em que o livro se insere de uma forma mais abrangente, em especial o assunto abordado e todas as questões que rodeiam a sua origem e publicação. Tanto um, como outro são importantes para a descodificação do significado do texto. Sendo assim, vamos abordar duas das questões mais problemáticas: as dificuldades encontradas ao nível da descodificação de certos elementos referenciais deícticos e a utilização de termos ou expressões ambíguas que só o contexto permitirá compreender de forma clara.

- **Deixis**

Os elementos referenciais são constantes ao longo do texto, especialmente devido ao facto de este ser o reflexo de um discurso oral. Como é sabido, o conhecimento da situação de

enunciação é essencial para a decifração do referente destes deícticos e nesta obra este conhecimento assume-se particularmente importante para a compreensão do referente de alguns deícticos pessoais e espaciais e, conseqüentemente, para a compreensão do significado do texto.

Relativamente à **deixis pessoal**, há um caso que se revela de especial importância: a identificação do referente dos pronomes pessoais “vous” e “on”. Começamos primeiro por relembrar o contexto da mensagem. As notas de Antoine De Coux foram tomadas para registrar as lições do mestre Nuno Oliveira. Sendo assim, o sujeito da enunciação seria quase sempre Nuno Oliveira e as suas palavras dirigir-se-iam numa primeira instância ao cavaleiro a quem estaria a dar a lição e, numa segunda instância, a todos aqueles que estariam a assistir, entre eles, Antoine De Coux. Neste sentido, percebe-se que, embora o mestre se dirigisse sobretudo ao cavaleiro que estava a montar, tinha consciência de que haveria outras pessoas a assistir e a quem as suas palavras poderiam interessar e ser úteis. Assim, poderemos mais facilmente definir o referente de “vous”: em primeiro lugar, é o cavaleiro a quem Nuno Oliveira dá a lição; em segundo lugar, todos aqueles que assistem à lição e para os quais também as suas palavras poderão ser úteis. Podemos dizer ainda que as suas palavras se dirigiam à comunidade dos cavaleiros, uma vez que, em muitos casos, podem ser generalizadas.

Nas primeiras três citações, percebemos que o referente de “vous” é o cavaleiro e todos aqueles que assistem à lição. Trata-se de afirmações que assumem um caráter genérico, como um conselho ou instruções, que poderão ser aplicadas a situações semelhantes.

i) « Quand vous sentez au trot enlevé que le cheval va bien, qu’il ne flotte pas, que son encolure est droite et tranquille, asseyez-vous quelques foulées. » [p. 125]

ii) « Soyez délicat au moment des transitions. Relaxez les mains. » [p. 124]

iii) « Parlez à votre cheval. La voix est une aide importante.

Avec des jeunes chevaux, il faut être plus attentif à la poussée des hanches, des postérieures qu’au pli. (...)»

Dans une reprise de jeunes chevaux : « Marchez au pas en parlant et en caressant (...) ». » [p. 126]

Já na próxima frase, percebemos que Nuno Oliveira se dirige especificamente ao cavaleiro, dando-lhe orientações e instruções durante a lição.

iv) « Exemple d’une leçon (...)»

Obligez le cheval à aller au coin. Poussez au galop et restez au galop jusqu’à ce que je vous dise de rester au trot. » [p. 96]

Relativamente ao pronome “on”, ao contrário de “vous”, ele não permite identificar um dos interlocutores. Segundo Tamba-Metz, « on ne permet pas d'identifier son référent humain par référence directe aux relations interlocutives marquées par les pronoms personnels de rang 1 et 2. C'est seulement par son intégration au prédicat verbal à titre d'actant du procès délocuté que on reçoit une interprétation référentielle situationnelle. Et ce sont ces déterminations locales, que reçoit le prédicat verbal intégrant on, qui guident l'interprétation du référent de celui-ci. » (Tamba, 1989: 11). Quando “on” é utilizado no texto,

é a referência situacional que permite perceber que este deítico se refere a todos os cavaleiros, a todos aqueles que montam cavalos e que os ensinam, e não apenas aos presentes. É empregue no âmbito do discurso prescritivo e didático que domina a obra.

- i) « C'est ainsi qu'on développe la finesse du cheval » [p.125]
- ii) « On ne peut travailler un cheval que dans la mise en main » [p. 125]
- iii) « Le jeune cheval, on le laisse galoper naturellement, sans action de main. On ne réduit son galop que quand il peut faire refluer son poids sur les postérieurs. (...) On ne prend les rênes qu'après, et pas avant que le cheval commence à se soutenir de lui-même au galop. » [p. 126]

Quanto às **referências deíticas espaciais**, elas também poderão levantar algumas questões. Na verdade, se desconhecermos a posição de Nuno Oliveira ou do cavaleiro no picadeiro, estes termos tornam-se difíceis de decifrar. Na verdade, uma posição diferente implica uma interpretação diferente. Por isso, será necessário ter em conta os elementos referenciais dados anteriormente para garantirmos uma compreensão rigorosa da mensagem. Os exemplos seguintes demonstram como o contexto e a visualização do picadeiro serão importantes para decifrar o significado da palavra “intérieur” ou “extérieur”(tanto podem corresponder à rédea direita, como à rédea esquerda ou às ajudas dadas pela mão e perna direitas como esquerdas).

- i) « (...) on pourra, par des aides latérales intérieures, c'est-à-dire à main droite par la jambe droite qui sera portée vers la gauche. » [p. 132]
- ii) « Au pas faire des cercles assez serrés et jouer avec la rêne allemande, surtout intérieure, et céder l'extérieure (...). En cercle, badinez donc avec la rêne intérieure en rêne d'ouverture. » [p. 133]
- iii) « Procédé : le cheval étant au galop en cercle (supposons en cercle à main droite), pour passer au trot chasser les anches à l'extérieur, en écartant la rêne droite à droite et vers le bas, et en poussant avec la jambe droite. » [p. 134]

- **Ambiguidades**

Devido à especificidade da linguagem usada, há vários termos ou expressões que se tornam ambíguos para quem não tenha algum conhecimento sobre a matéria e não esteja familiarizado com a situação de enunciação. Na verdade, dirigindo-se a um público conhecedor que está presente, o mestre usa uma linguagem precisa e sintética, consciente de que esta será eficaz. Contudo, um leitor menos preparado poderá ter dúvidas sobre o significado de certos termos usados ou sobre o referente dos mesmos.

Nos dois primeiros exemplos que se seguem, um leitor menos preparado, poderá ter dúvidas sobre o referente das palavras sublinhadas. Dado que as palavras “épaule”, “jambe” e “main” se aplicam em francês tanto a partes do corpo do cavaleiro como do cavalo, o leitor poderá questionar-se se estas se referem ao cavalo ou ao cavaleiro. Contudo, um leitor mais

bem preparado compreende claramente que as expressões “épaule droite” e “main” constituem uma referência a partes do corpo do cavalo e que a expressão “jambe droite” constitui uma referência à perna do cavaleiro.

- i) « Donc abandonner la rêne droite pour alléger et dégager l'épaule droite, et abandonner aussi toute action de la jambe droite (...). » [p. 146]
- ii) « Après avoir changé de main, remettre le cheval au trot en rejoignant le grand côté. » [p. 146]

Quanto ao último exemplo, a ambiguidade prende-se com o uso de uma linguagem mais simples e direta, que deixa por vezes alguns espaços vazios, podendo assim gerar ambiguidades ou a possibilidade de uma interpretação diferente. Será, portanto, o co-texto (nível textual) e o contexto (nível extratextual) que permitirão a correta interpretação da mesma, assim como o conhecimento do assunto. Por exemplo, poderão surgir dúvidas sobre o referente da palavra “position”, que poderia dizer respeito à posição do cavaleiro ou à do cavalo. São os três fatores atrás referidos que permitem descartar a primeira e validar a segunda.

- iii) « Les trois pierres touches de l'équitation sont :
  - la même position,
  - le même rythme,
  - la même vibration. »

### c) Presença de elipses e de implícitos

Como é próprio dos textos marcados pela oralidade, também encontramos neste várias elipses e implícitos.

---

**Elipse: “Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir.”<sup>3</sup>**

---

**Ex. 1 :** « Pas d'impulsion sans cadence et pas de cadence sans impulsion. » [p.60]

**Elemento omitido :** verbo/ predicado (*y avoir*)

**Observações :** Trata-se de uma estrutura habitual no discurso oral em francês.

**Ex. 2 :** « Donc tourner un peu la pointe des pieds vers l'extérieur. » [p. 30]

**Elemento omitido :** verbo principal (*il faut/ on doit*)

**Observações :** Ausência do verbo principal é tolerável graças ao contexto, que permite facilmente preencher o vazio. Este tipo de frase, com apenas um verbo, no infinitivo, é comum no discurso prescritivo, como veremos adiante.

**Ex.3 :** « Quand un cheval bouge la tête, manque de fixité, c'est-à-dire qu'il perd l'impulsion. » [p.62]

**Elementos omitidos :** conjunção (quando) e pronome (il)

**Observações :** Mais uma vez, a supressão dos elementos não compromete a compreensão do texto, porque a expressão em questão, por se encontrar entre vírgulas e contextualizada, assume um valor explicativo.

---

<sup>3</sup> In CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley (2002) – *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 17.ª edição.

---

### Implícito

---

**Ex. 1 :** « Si un cheval résiste, un bon moyen c'est de le mettre sur un tout petit cercle (de la longueur du corps du cheval) en épaule en dedans. » [p. 59]

**Elemento implícito :** Subentende-se que se trata de uma forma de fazer ceder o cavalo.

**Ex. 2 :** « Ce n'est pas en faisant des kilomètres de trot et de galop qu'on obtient un bon trot et un bon galop, avec un cheval qui ne pèse pas. » [p. 59]

**Elemento implícito :** Subentende-se que o cavalo não pesa na mão.

**Ex. 3 :** « Réduire par le buste (...) » [p.140]

**Elemento implícito :** Subentende-se que se trata da redução do andamento.

**Ex. 4 :** « Il faut créer mentalement l'envie d'aller en avant. Donc pas de petites allures avec un jeune cheval. C'est après qu'on canalisera. » [p. 125]

**Elemento implícito :** Subentende-se que se trata de canalizar a energia criada para a execução de diferentes exercícios.

**Observações :** Nos quatro casos, há um denominador comum: um leitor que não tenha um bom conhecimento da matéria terá dificuldade em compreender todo o sentido do texto. Mas, para os que de facto são entendidos, os elementos subentendidos são dispensáveis e a compreensão do texto não é afetada pela sua falta. Sendo assim, a economia de palavras resultante do facto de estarmos perante anotações com origem num discurso oral não compromete a eficácia comunicativa.

---

### d) Menor planificação do discurso

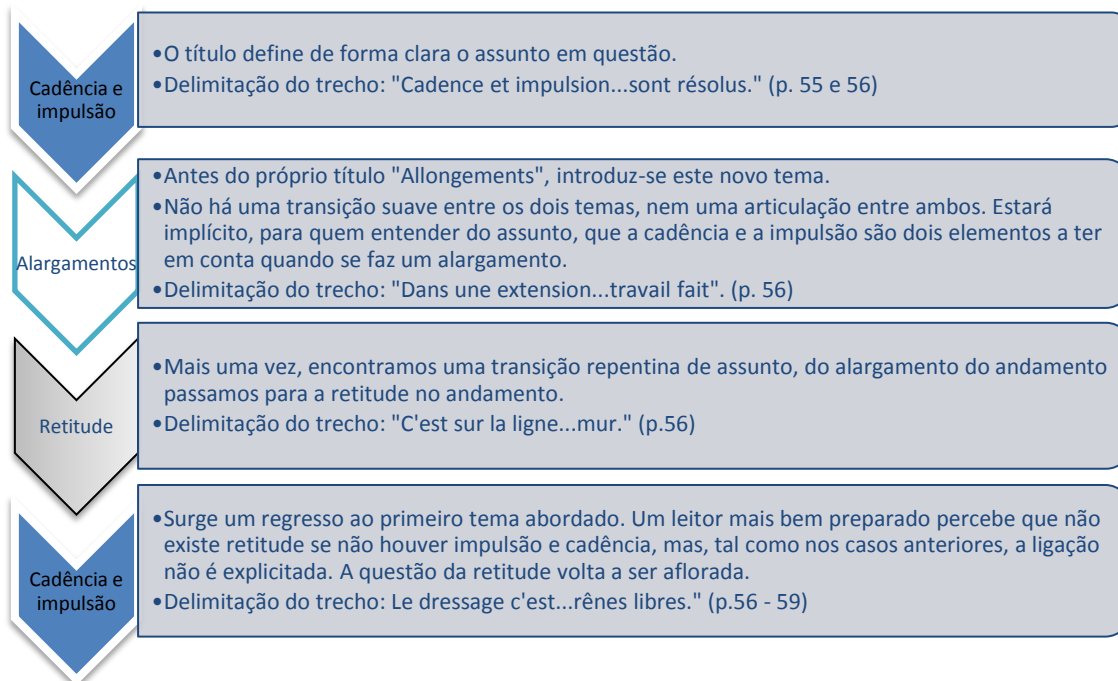
Como é próprio de um discurso que é composto por anotações e que revela marcas do discurso oral, este revela em certos momentos ser menos planificado. Tal é comprovado por antecipações e retrocessos em termos de progressão textual, por inversões e mudanças repentinas de tópicos e por repetições de ideias ou palavras.

- **Progressão temática**

Verifiquemos a forma como os diferentes temas se sucedem nas primeiras páginas do “Capítulo 3 – Impulsion, cadence, légèreté, rectitude, équilibre” (pp. 55-58). Ao longo destas quatro páginas notamos uma clara alternância entre os temas “impulsão” e “cadência”, “ligeireza”, “equilíbrio” e um outro tema que com eles se relaciona, o “alargamento do andamento”. Claro que isto demonstra que os temas não são estanques e que se relacionam entre si. Contudo, também demonstra a progressão do discurso do mestre, que ia abordando os temas consoante os cavalos e os cavaleiros e de acordo com a progressão das lições. Como é natural, não sendo o seu discurso programado, sofre algumas antecipações e retrocessos para completar informação já dada. Por outro, tal também é sinal de que este é um texto composto por notas tiradas ao longo de várias sessões e que nos são apresentadas tal como

surgem no caderno de apontamentos, de forma algo solta. Naturalmente, Nuno Oliveira abordaria certos temas de forma recorrente ao longo das várias sessões, de diversas perspetivas, repetindo algo referido no dia anterior ou acrescentando algo novo sobre o tema.

#### Progressão temática:



#### • Repetição de informação

O facto de o texto ser constituído por apontamentos tem ainda uma outra consequência: há diversas ideias que são reforçadas ou repetidas em momentos diferentes do texto, quer dentro do mesmo capítulo, quer em capítulos diferentes. No capítulo 3, encontramos dois exemplos.

i) « La beauté du travail de dressage, c'est le maintien de la même cadence. » [p. 55]  
 « Le maintien de la cadence, c'est la beauté du dressage. » [p.57]

ii) « La vitesse n'a rien a voir avec l'impulsion. » [p. 55]  
 « L'impulsion n'a rien à voir avec la vitesse. » [p. 57]

Muito provavelmente, estas terão sido afirmações feitas pelo mestre em lições diferentes, no mesmo dia ou em dias diferentes, talvez até em anos diferentes.

#### **e) Utilização de estratégias de reforço e de reformulação**

Como é normal acontecer quando se dá uma aula, o mestre devia sentir muitas vezes a necessidade de reforçar alguns dos ensinamentos e experiências que transmitia, assim como a necessidade de reformular o que explicava para clarificar as suas ideias.



As estratégias de reforço servem para dar ênfase a uma determinada ideia, talvez considerada fundamental pelo mestre. Neste sentido, já foram referidas algumas das estratégias que o permitem, tais como a repetição ou o retomar de assuntos anteriormente referidos.

Quanto à reformulação, são vários os momentos em que a mesma ideia é expressa por outras palavras, quer dentro da frase em questão, quer num outro momento do texto.

i) « Rappel à propos de l'emploi de la rêne allemande : le cheval ne doit pas faire force sur la rêne allemande, pas de poids. » [p. 61]

ii) « Il faut donc l'ajuster non pas pour placer, mais de manière qu'elle ne commence à agir que si le cheval lève la tête. Donc la tenir du bout des doigts, sans l'empoigner, sans coincer, sans bloquer. » [pp. 62 e 63]

#### **f) Discurso esquematizado e abreviado**

Uma outra característica da obra é a forma esquematizada e abreviada como alguns assuntos são abordados. Predominam as frases curtas e diretas, com vocabulário simples, que apelam à visualização do que está a ser explicado. Este tipo de escrita não prejudica a compreensão da mensagem. Pelo contrário, torna a obra objetiva e de leitura simples, o que se adapta ao seu carácter mais didático e prático.

i) « Il y a deux conceptions de l'impulsion :

1) Celle où on tape, on pique et cela sans fin. C'est l'impulsion portée.

2) Celle obtenue par des exercices qui amènent le cheval à s'employer. » [p.62]

ii) « En équitation latine : les jambes précèdent la main.

En équitation germanique : la main précède les jambes. » [p. 62]

iii) « On ne peut dire qu'un cheval est dressé s'il n'est pas capable de partir de l'arrêt à n'importe quelle allure (pas – trot – galop) et à n'importe quel exercice. [p. 69]

iv) « Dans la tête au mur à droite 1) la jambe droite contrôle l'incurvation et 2) aide à maintenir l'impulsion. » [p.69]

#### **2.2.2. Discurso prescritivo e informativo**

Em diversos momentos, este texto assemelha-se na sua construção a uma receita de culinária ou a um manual de instruções, na medida em que são enumerados os diversos passos e cuidados a ter para a resolução de um determinado problema ou para a realização de um determinado movimento com o cavalo. Na verdade, tendo em conta que este texto visa

transmitir experiências e conhecimentos, dar conselhos e orientações de trabalho, o discurso dele assume-se claramente com um caráter instrucional.

Neste sentido, encontramos ao longo da obra algumas características do texto prescritivo:

a) utilização do imperativo ou da segunda pessoa do plural do presente do indicativo;

« *Souvenez-vous* que ce sont les choses de base qui comptent (...) » [p.147]

« Quand vous *perdez* le contrôle de la vitesse, c'est le cheval qui commence à commander. » [p. 147]

b) utilização de verbos como “il faut” ou “devoir” para dar instruções e conselhos;

« *Il faut* que tout le travail se passe sans courir, en cadence, en veillant à l'observation de tous les détails. » [p.150]

« (...) on ne *doit* pas utiliser beaucoup d'aide. » [p. 147]

c) utilização do infinitivo;

« Au galop tacher de voir si le cheval s'installe dans sa foulée. » [p. 147]

d) utilização de sequências numeradas e listadas.

« *Passade*

Essai de changement de juste à faux au début du grand côté.

De faux à juste sur le cercle.

Variations d'allure au galop :

a) allonger sur le grand côté et reprendre sur le cercle ;

b) passer au huit de chiffre en alternant les deux incurvations. » [p. 141]

Tendo em conta as características atrás apontadas, podemos encontrar semelhanças entre os dois textos de tipo instrucional que se seguem: um excerto da obra em análise e um exemplo de uma receita de culinária. Os textos aproximam-se em termos de estruturação, uso do infinitivo e do presente do indicativo.

« Reprise avec de jeunes chevaux:

1) Détendre quelques minutes au trop enlevé, rênes longues, dans un trop large et gaillard ;

Exigences :

- bonne position,
- ne pas piquer avec l'éperon,
- ne pas tirer sur les rênes,
- régler avec le buste.

2) Laisser le cheval tomber au galop, rênes assez libres : galop naturel, large mais pas précipité (cercles – marcher large – cercles).

3) Puis passer au pas. Faire des serpentines pour bien régler le pas.

4) Puis reprendre le trot, mais un trot plus réglé, un peu plus court, rênes un peu plus ajustées, dans une attitude voisine du ramener, mais qui n'est pas encore le ramener.

5) Élargir le trot, laisser retomber le cheval au galop (cercles).

6) Puis laisser retomber au trot par abandon des rênes (cercles – marcher large – changements de main), puis étant au trot sur le cercle, pousser et fixer les doigts jusqu'à ce que le cheval remonte sur la main, fasse une cession de nuque. » [p. 150]

## Chocolate quente clássico

### Ingredientes

- Chocolate: 1 Tablete (200 g)
- Maisena: 2 Colheres de sopa
- Leite: 1 l

### Preparação

- Picar bem o chocolate (este da sua preferência, mais ou menos amargo). Ao litro de leite, tirar uma pequena quantidade e dissolver nele a Maizena.
- Ligar o fogão em lume médio ou baixo. Verte-se o leite (já com a Maizena incorporada), na proporção indicada, para um tacho e junta-se o chocolate picado.
- Mexe-se continuamente com uma vara de arames até a mistura estar homogênea e apresentar uma consistência cremosa.
- Verificar se há pontos mais escuros (chocolate que ainda não derreteu). Se assim for, continuar a mexer.
- Desligar o lume e servir imediatamente.

### 2.2.3. Linguagem técnica e especializada

Ao analisarmos esta obra, compreendemos que se trata de uma obra especializada, que tem por base uma das mais técnicas, se não talvez a mais técnica, das disciplinas equestres. Tal reflete-se naturalmente no tipo de linguagem usada, uma linguagem técnica e específica.

Trata-se, pois, de uma linguagem que pode ser vista como algo cerrada e como uma espécie de código, dado que será de difícil compreensão por aqueles que não tenham um conhecimento mínimo desta disciplina.

Tanto ao nível do léxico, como das expressões usadas, o discurso é feito de expressões consagradas e cristalizadas, definidas por uma longa tradição, que remonta aos inícios da teorização da disciplina. Embora a história da disciplina tenha os seus inícios há cerca de 2000 anos atrás, quando já os gregos antigos procuravam ensinar os cavalos para os preparar para a guerra, terá sido no século XVIII, mais propriamente em 1729, com a criação da Escola de Equitação Espanhola, em Viena, que o ensino, na sua vertente clássica, ganhou mais expressão. Desde então, muitos foram os mestres de equitação ou apenas praticantes que

escreveram sobre o assunto. Na verdade, muitas das expressões ou termos usados por Nuno Oliveira/ Antoine De Coudry na obra traduzida já se encontravam consagrados no *Dictionnaire Raisonné d'Équitation*, da autoria François Baucher, um dos primeiros mestres da equitação clássica. A título de exemplo, podemos ler a definição que Baucher deu de “passage” neste seu dicionário publicado em pleno século XIX.

du tact au tact. Ce point est le plus important, pour qu'un défaut d'équilibre ne fasse pas manquer une évolution et n'amène pas la chute de l'animal.

\* Il faut être enjoué, mais toujours bienséant.

**PASSAGE** est un diminutif du piaffer; dans cet air, le cheval lève les jambes, comme pour le trot, mais il n'avance qu'imperceptiblement à chaque temps.

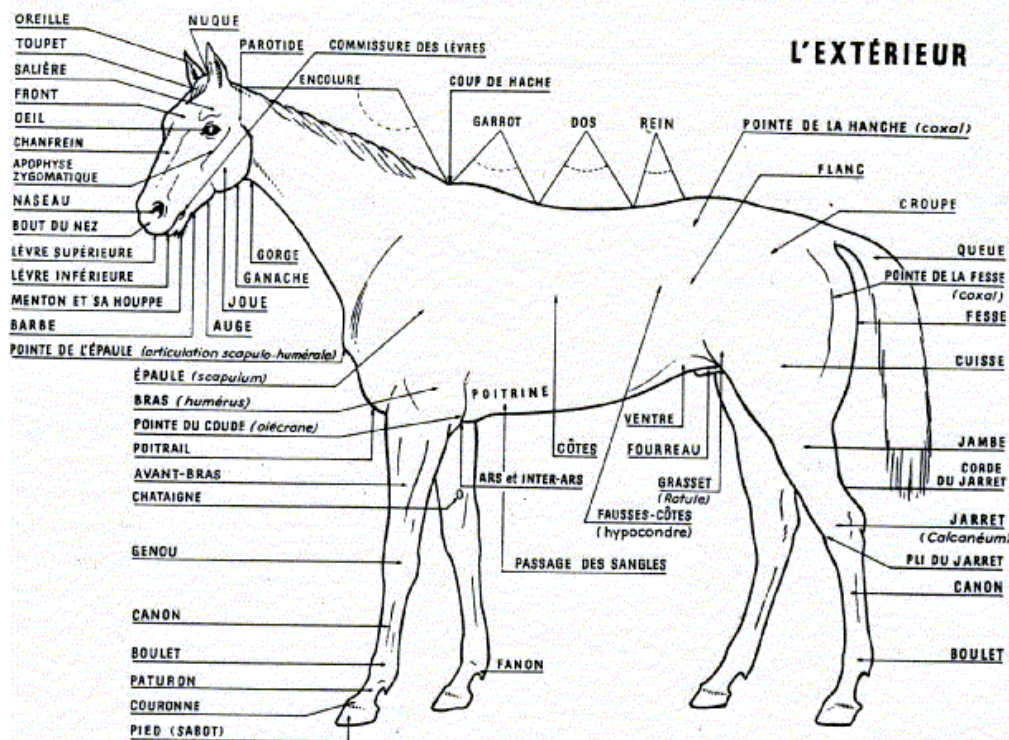
Pour ce travail, le talent du cavalier consiste, non pas à faire une opposition continue avec la bride, chaque fois que les jambes agissent, mais bien à réunir tellement toutes les forces au centre de gravité, comme pour le piaffer, que, même avec les rênes flottantes, le cheval n'avance qu'insensiblement à chaque surcroît d'action.

On conçoit qu'il faut un assouplissement total de l'encolure et des reins pour que le cheval puisse exécuter, avec régularité, ce brillant et savant air de manège.

Fig. 3 - Baucher, François (1843) - *Dictionnaire Raisonné d'Équitation*. Bruxelles : Société Nationale pour la propagation des bons livres, p. 183.

Tanto os termos como as expressões usadas não admitem geralmente variações ou alternativas. É uma linguagem com um sentido particular e técnico e, se houvesse variação, quem o fizesse estaria claramente a lançar a confusão junto dos destinatários da mensagem, prejudicando a eficácia comunicativa e naturalidade ou correção do discurso. Estão entre estes, todos os termos que se referem a partes do corpo do cavalo, aos andamentos e aos movimentos executados pelo cavalo, os termos que descrevem as reações do cavalo, assim como os que se referem a ações do cavaleiro ou ao equipamento usado. Trata-se pois de expressões consagradas pelo uso e pela literatura da especialidade. Em seguida, encontramos exemplos de termos que não admitem variação.

## i) Morfologia do cavalo<sup>4</sup>



## ii) Tipos de andamentos

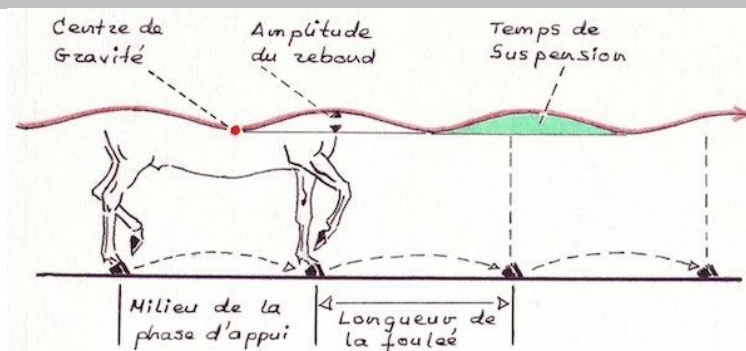
1) Andamentos naturais le pas, le trot et le galop

2) Andamentos artificiais le passage, le piaffer, le pas espagnol

## iii) Variações de andamento

le pas rassemblé, le pas moyen, le pas allongé et le pas libre  
le trot rassemblé, le trot de travail, le trot moyen et le trot allongé  
le galop rassemblé, le galop de travail, le galop moyen et le galop allongé

## iv) Caracterização do andamento<sup>5</sup>



<sup>4</sup> Retirado de <http://equitationpassion.chez.com/notions.htm>, consultado em 30/08/2014

<sup>5</sup> [philippe-karl.com](http://philippe-karl.com)

---

#### **v) Outros movimentos ou exercícios executados pelo cavalo**

Épaule en dedans, contre-épaule en dedans, travers, renvers, tête au mur  
Changement de pied, pirouette  
Serpentines, cercles

#### **vi) Equipamento usado pelo cavalo**

Selle, caveçon, bride, bridon, filet, rênes

#### **vii) Equipamento usado pelo cavaleiro**

Cravache, éperons, longe, chambrière

---

**Comentários :** Todos estes termos não admitem qualquer variação e devem ser empregues com o máximo rigor. Fazem parte de uma tipologia e terminologia consagradas, têm um carácter técnico e, no caso, da morfologia do cavalo, científico.

---

Existem ainda as expressões que são usadas para indicar as ações ou reações que o cavaleiro deve ter. Trata-se de expressões específicas, consagradas pelo uso, como se a cada ação correspondesse uma expressão própria. Neste sentido, raramente um cavaleiro usará outra expressão ou outras palavras para transmitir a mesma ideia. Muitas destas expressões serão difíceis de decifrar se não houver um bom conhecimento da disciplina de ensino, uma vez que nem sempre o sentido global da expressão corresponde à soma do sentido das partes, nem tão pouco esta tem um sentido literal. Vejamos os seguintes exemplos.

i) « À un cavalier: ne pensez pas à la **légèreté** maintenant (...) » (p. 61)

Neste primeiro exemplo, encontramos o termo “légèreté” com um significado diferente daquele que encontraríamos num dicionário comum.

Definição de *légèreté*<sup>6</sup> no *Dictionnaire Larousse*:

- ✓ Propriété de ce qui est peu pesant, peu dense, peu épais : La légèreté d'une plume, d'un gaz, d'un tissu.
- ✓ Caractère gracieux et fin : La légèreté d'une dentelle.
- ✓ Propriété de ce qui est peu concentré, peu fort : Légèreté d'un parfum.
- ✓ Caractère de ce qui est sans gravité, sans importance : Légèreté d'une punition.
- ✓ Qualité de quelque chose, quelqu'un à la fois agile, souple et gracieux : Bondir avec légèreté.
- ✓ Manque de sérieux, de prévoyance : Il a agi avec légèreté.

Já na obra, no contexto da disciplina de dressage, a palavra tem o seguinte sentido:

---

<sup>6</sup> in <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais> [consultado em 29/08/2014]

« La légèreté, c'est quand le cheval ne pèse pas sur la main, tout en étant rond. » (p. 61)

Neste caso, será difícil substituir palavra “légèreté” por outra com um sentido equivalente. Na verdade, a expressão “souplesse” é utilizada, mas com um sentido diferente e se tentarmos outras substituições, usando palavras como “agilité” ou “aisance”, o sentido altera-se completamente e a palavra perde o seu caráter “técnico” e de especialidade.

ii) « Surtout pour descendre d'allure : il ne faut pas abandonner, mais **pousser**. » (p. 83)

Também *pousser* assume um significado diferente do que esperaríamos se tivéssemos em conta a sua definição num dicionário comum de francês. Embora o seu sentido tenha pontos de contacto com a definição corrente da palavra, na disciplina de ensino, *pousser* assume um significado particular: significa pedir ao cavalo que tenha um andamento mais enérgico, sem que isso signifique necessariamente andar mais depressa, tocando o flanco do cavalo com a perna e o calcanhar ou a espora.

iii) « **Mise en main**: l'équitation académique commence par la **mise en main** » (p. 81)

« Cheval **sur la main** » (p. 81)

No campo das expressões, a situação é semelhante. As expressões “mise en main” e “sur la main” estão longe de ter um significado literal e o seu significado também está longe de ser a soma do significado de cada uma das palavras que as compõem. Na verdade, tanto uma, como outra significam ter o cavalo redondo (pescoço) e a aceitar o contacto com a mão do cavaleiro, como se o cavalo se encostasse ao bridão e, através das rédeas, à mão do cavaleiro.

iv) « Pour cela, il faut préparer les exercices, par exemple **asseoir le cheval** avant le changement de pied. » (p. 82)

Por último, “asseoir le cheval” também não significa literalmente sentar o cavalo, mas trabalhar o cavalo de forma que a maior parte do seu peso passe para os posteriores e o cavalo acabe por baixar ligeiramente a garupa, como se sentasse sobre os posteriores, fazendo entrar os posteriores debaixo do seu corpo.

Assim, se é verdade que a linguagem usada por cada um de nós reflete a nossa visão do mundo, o que implica uma certa variação e subjetividade, o que se aplicará em certa medida ao discurso desta obra, também é verdade que as expressões e termos usados por Antoine De Coux/ Nuno Oliveira fazem parte de uma linguagem consagrada e cristalizada, uma espécie de gíria, que admite poucas variações.

### 3. A tradução: reflexão e análise do processo de tradução

Este primeiro trabalho de preparação foi fundamental para um trabalho de tradução que visava a transposição dos sentidos e do tom em que a obra foi escrita. Sendo um texto escrito por um cavaleiro para outros cavaleiros, o texto teria de dar ao leitor português a mesma sensação de simplicidade, fluidez e naturalidade que existem no original. O leitor português teria de ler este texto sentindo a mesma clareza nas palavras de Nuno Oliveira, com um sentido de familiaridade com a linguagem usada.

A tradução da obra foi feita capítulo a capítulo. Sendo assim, antes do início de cada capítulo procurou-se resolver algumas questões relacionadas com o vocabulário e com expressões usadas que suscitavam dúvidas. Contudo, a maior parte das dificuldades de tradução foram resolvidas à medida que iam surgiram e que a tradução ia avançando. Para tal foram usados os recursos a seguir referidos.

#### Questões na área da linguística:

- Dicionários unilíngues da Língua Francesa (*Le Petit Robert* e dicionário Larousse online - [www.larousse.fr/dictionnaires/francais](http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais));
- Dicionário unilíngue de Língua Portuguesa (*Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora);
- Dicionário bilingue Francês – Português (Porto Editora);
- Ciberdúvidas da Língua Portuguesa - <http://www.ciberduvidas.pt>

#### Questão na área da equitação:

- *Larousse du Cheval et du Poney*
- *Manual do Cavaleiro. A Sela e os Arreios*
- *Hipologia – Guia para o Estudo do Cavalo*
- <http://equitacao-classica.blogspot.pt>

#### Sobre Nuno Oliveira:

- <http://equitacao-classica.blogspot.pt/2005/12/nuno-waldemar-nunez-marques-cardoso.html>
- <http://www.quintadobrejo.pt/mnuno.html>

Contei ainda com a ajuda de alguns cavaleiros que contribuíram para o esclarecimento de algumas dúvidas pontuais sobre a justeza de certas opções de tradução.

Este processo de tradução constituiu uma aprendizagem, na medida em que houve uma evolução na forma em que foram tratadas as diferentes dificuldades, não só ao nível das soluções encontradas, como também ao nível da sua abordagem e dos métodos de trabalho adotados. Com a experiência que ia sendo acumulada e a evolução da tradução, muitas soluções foram sendo confirmadas, mas outras foram revistas e alteradas. A escrita menos formal e convencional foi um dos desafios encontrados. Como transpor esta escrita para português? Quais os limites e quais as possibilidades? A resposta a estas questões partiu de alguma reflexão inicial, mas acabou por sofrer uma evolução com a progressão do trabalho. Na



verdade, seria essencial manter o mesmo estilo de escrita. A dificuldade residia em decidir quais os limites do aceitável em português e, neste sentido, quais as soluções existentes. Na verdade, apesar da decisão inicial, no início da tradução houve pontualmente uma maior resistência à transposição deste estilo menos formal de escrita, acabando por se criar um discurso mais normalizado do que o original francês. Contudo, à medida que a tradução ia avançando, a tolerância foi aumentando, na medida em que foi ficando cada vez mais claro que não me cabia alterar o tom do texto e deveria, sim, evitar a normalização sempre que possível. Foi já dentro desse espírito que a revisão do texto foi feita.

Poderemos dizer, então, que a fase final do trabalho, a revisão, beneficiou de uma primeira fase, em que, individualmente, li a tradução feita, corrigindo erros detetados e uniformizando opções que, pelos motivos apontados, tinham perdido a coerência. Tive ainda a preocupação de avaliar o tom geral do texto, a sua coerência e sonoridade. Após a fase de discussão com o meu orientador sobre o trabalho feito e uma reflexão conjunta, reuni os seus contributos e voltei a fazer uma nova revisão por forma a melhorar a tradução tendo em conta as sugestões e os comentários feitos. Nesta última fase, resolveram-se ainda algumas dúvidas pontuais que persistiam na área da equitação, recorrendo à ajuda de algumas pessoas mais experientes neste domínio.

Desta forma, são analisadas algumas dificuldades de tradução motivadas pela necessidade de transposição da mensagem da língua francesa para a língua portuguesa e outros problemas especialmente criados pela natureza do texto e pelo contexto em que este se insere.

Não pretendo fazer uma referência exaustiva a todos os potenciais problemas de tradução, seguindo classificações ou estudos já desenvolvidos na área da tradutologia. Na verdade, sendo esta uma reflexão sobre o processo de tradução realizado anteriormente, serão apenas referidos os principais problemas de tradução encontrados, ou seja, aqueles que foram mais frequentes ou que mais dúvidas suscitaram em termos de tradução, que maior reflexão geraram, por isso, e para os quais foi preciso equacionar diferentes soluções, até ser encontrada a mais satisfatória. Sendo assim, cada um dos obstáculos identificados será objeto de uma introdução, são dados exemplos de passagens do texto representativas, com o excerto em questão em francês e em português e, sempre que pertinente, serão feitas observações sobre a solução encontrada. Com isto, pretende-se fazer uma análise do processo desenvolvido na tentativa de encontrar uma solução.

### **3.1. Tradução de frases com construções clivadas e pseudo-clivadas para português**

As frases com construções clivadas ou pseudo-clivadas suscitaram algumas dúvidas em termos de tradução, na medida em que, devido ao seu efeito e à sua especificidade, exigiram alguma reflexão sobre as diferentes soluções disponíveis na língua de chegada que permitissem criar o mesmo efeito, sem pôr em causa a naturalidade e a correção do discurso. Na verdade, para a tradução, foi fundamental conseguir identificar estas estruturas no texto de partida, ter consciência do seu papel e conhecer as estruturas equivalentes em português e o seu funcionamento.

Segundo Riegel, o funcionamento das estruturas clivadas em francês passa-se da seguinte forma: “Un constituant est extrait de la phrase et placé au début de celle-ci, encadré par le présentatif *c’est* et par le pronom relatif *qui* ou *que*. L’intonation déclarative s’élève progressivement jusqu’au relatif, puis elle descend ; une légère pause est possible après le relatif. On appelle phrase clivée la structure obtenue (de l’anglais *cleft sentence*) : *Claire aime le chocolat* → *C’est Claire qui aime le chocolat*. » (1994 : 430). Relativamente às estruturas pseudo-clivadas, o mesmo autor diz o seguinte: “ Ces structures particulières combinent l’extraction et le détachement en tête de phrase.” (1994: 342). Para o ilustrar, usa, entre outros, o seguinte exemplo: “(2) *Ce que je veux, c’est qu’elle travaille.*” (1994: 342).

Sendo uma forma de destacar um elemento na frase, ou seja, de dar relevo a uma determinada palavra ou ideia, e sendo este um texto que transmite a perspetiva de um cavaleiro sobre o ensino de cavalos, considerou-se importante encontrar uma estrutura capaz de manter a mesma evidenciação. Isto significa que, perante uma estrutura deste tipo, havia duas soluções possíveis: manter o mesmo tipo de estrutura em português quando viável, (construção clivada ou pseudo-clivada) ou encontrar uma outra solução que criasse o mesmo efeito.

Evidentemente, não havendo uma solução universal, a tradução destas construções foi pensada caso a caso. Desta forma, as primeiras quatro frases representam casos em que se manteve a construção clivada em português. Desta forma, foi possível manter em destaque as expressões “le dessus, le gras du mollet”, “c’est avec le buste et le poids du corps” e “le rein (...) du cavalier” na tradução, o que se revela fundamental para a correta transmissão da mensagem pretendida.

a)

FR	<b>C’est le dessus, le gras du mollet qui</b> doit être en contact. [p. 37]
PT	<b>É a parte de cima, a barriga da perna, que</b> deve manter o contacto. [p. 21]

b)

FR	(...) <b>c’est avec le buste et le poids du corps qu’il</b> faut agir. [p. 39]
PT	<b>É com o peso do corpo e com o tronco que</b> devemos agir. [p. 23]

c)

FR	<b>C’est le rein</b> (souple, mou et non raide) <b>du cavalier qui</b> a le rôle le plus important (...) [p. 40]
PT	<b>É o rim do cavaleiro, flexível, mole, e não rígido, que</b> tem o papel mais importante (...). [p. 24]

d)

FR	<b>Ce qu'il faut c'est</b> revenir souvent au pas et le rendre léger au pas (...). [p. 58]
PT	<b>O que é preciso é</b> voltar muitas vezes ao passo e pôr o cavalo ligeiro a passo (...). [p. 42]

Já nas frases seguintes, considerou-se que criar em português uma frase com uma estrutura clivada ou pseudo-clivada não seria a solução. Contudo, seria importante ser fiel ao efeito criado na frase por estas estruturas em francês.

e)

FR	Souvent le cavalier dit que son cheval se précipite, mais <b>c'est parce qu'il</b> y a eu abus de jambes. [p. 37]
PT	Muitas vezes, o cavaleiro diz que o seu cavalo se precipita, mas <b>isso só acontece porque</b> há excesso de pernas. [p. 21]
Obs.	Ao ler a frase em francês, percebe-se que o objetivo da frase seria colocar em relevo a razão pela qual o cavalo se precipita. Para tal, usou-se uma estrutura clivada do tipo “c'est parce que...” para focar o elemento que surge no final da frase. Para criar o mesmo efeito de destaque em português, usou-se a expressão “isso só acontece porque” e manteve-se a ordem de ideias da frase original (constatação de que o cavaleiro afirma que o cavalo se precipita, seguida de uma informação que clarifica a razão pela qual o cavalo se precipita). Na verdade, o facto de a justificação se manter no final permite conservar o foco nesse elemento.

f)

FR	Il est facile de céder, <b>ce qui est difficile, c'est de</b> reprendre après cession. [p. 39]
PT	É fácil ceder, <b>difícil é voltar resistir</b> depois de uma cedência. [p. 23]
Obs.	Na frase em francês encontramos uma estrutura pseudo-clivada (“ce qui est difficile, c'est de reprendre”) com o objetivo de destacar a dificuldade. Comparando a frase francesa com a portuguesa, constatamos que a tradução levou a uma simplificação da frase, na medida em que não se recorreu a uma estrutura pseudo-clivada para se criar o mesmo efeito. Na tradução, é simplesmente a ordem que as palavras ocupam na frase que permite manter o foco nas palavras “difícil” e “voltar a resistir”.

g)

FR	<b>C'est de la qualité de l'allure dans laquelle on est que</b> dépend la qualité de l'allure qui suivra. [p. 60]
PT	A qualidade de um andamento depende da <b>qualidade do andamento que o precedeu</b> . [p. 42]
Obs.	A frase em francês permite destacar “qualité de l'allure”. Contudo, considerou-se que a manutenção de uma estrutura clivada em português não beneficiaria a clareza e a eficácia do discurso neste caso. Por isso, procurou-se uma outra solução. Sendo

assim, deslocou-se o elemento em foco para o final da frase e, para tal, substituiu-se o verbo “suivre” pelo verbo “preceder” em português.

### 3.2. Marcas de oralidade ou de um discurso composto por anotações

É verdade que o texto traduzido não é a reprodução direta de um discurso oral. Trata-se de um conjunto de anotações feitas. Contudo, estas anotações, como foi referido anteriormente, têm origem num discurso oral e, por isso, é natural que o texto, pela sua natureza e origem, tenha características de um discurso menos formal, com construções sintáticas pouco comuns no discurso escrito. Em termos de tradução, tal levou a algumas reflexões no sentido de perceber até que ponto essa menor formalidade seria possível em português, ou seja, quais seriam os limites do que seria aceitável em língua portuguesa (que não funciona da mesma forma que a língua francesa). Esse foi um processo que passou por uma análise caso a caso e por testar diferentes soluções para a tradução de uma mesma frase. À medida que a tradução avançava, foi ficando mais claro quais seriam os limites e quais seriam as soluções existentes que permitiriam evitar um texto demasiado formal tendo em conta o tom do original, por um lado, e respeitar o funcionamento da língua de chegada, assim como a sensibilidade os novos leitores, por outro.

Vejamos alguns casos concretos de dificuldades de tradução levantadas pela especificidade de tradução e a forma como elas foram resolvidas.

#### 3.2.1. Menor formalidade ao nível da construção frásica

A dificuldade colocada por uma escrita claramente influenciada pela oralidade passa pela estranheza com que tal poderá ser sentido num livro desta natureza, sobretudo quando certas expressões ou construções são tidas como mais aceitáveis na língua de partida ou não têm especial equivalente na língua de chegada em termos de registo de língua ou estilo. Não cabe aqui avaliar a correção ou legitimidade do uso de certas expressões encontradas ao longo da obra, mas refletir sobre soluções encontradas de forma a manter um discurso correto e inteligível na língua de chegada, sem atraiçoar a singularidade da obra.

a)

FR	Dans les transitions, veillez à la fixité de la tête. Car <b>si le cheval balance la tête, c'est qu'il</b> n'engage plus les postérieurs et qu'il y a manque d'impulsion. [p. 56]
PT	Nas transições, procurem manter a cabeça do cavalo fixa, <b>porque, se o cavalo</b> balança a cabeça, <b>é sinal de</b> que já não tem os posteriores ativos e de que se movimenta sem impulsão. [p. 38]
Obs.	Neste excerto, existem dois problemas para resolver. Em primeiro lugar, existe uma segunda frase que é a continuação direta da primeira, na medida em que é a justificação do conselho dado inicialmente. Para esta situação, a solução mais evidente passou por agrupar estas duas frases, ligando-os através da conjunção “porque”. Em segundo lugar, encontramos em francês uma estrutura do tipo “si..., c'est que”, própria de um discurso menos formal. Optou-se por usar a estrutura

“se..., é sinal de que” para manter transpor a mensagem para português, mantendo o estilo do discurso.

b)

FR	<b>L’impulsion c’est</b> un cheval rond (...). [p. 58]
PT	<b>Um cavalo impulsionado</b> é um cavalo redondo (...). [p. 40]
Obs.	Manter uma expressão tão própria da oralidade em francês como “L’impulsion c’est” não seria possível. A solução passou por dar a mesma explicação acrescentando o nome “cavalo”, já que “impulsion” diz respeito ao movimento do cavalo, e transformar o nome “impulsion” no adjetivo “impulsionado” (transposição). A expressão “cavalo impulsionado” seria familiar ao leitor e permitiria criar uma frase clara, tendo em conta a sua continuação.

c)

FR	<b>Ce qu’il faut c’est</b> revenir souvent au pas et le rendre léger au pas (...). [p. 58]
PT	<b>O que é preciso</b> é voltar muitas vezes ao passo e pôr o cavalo ligeiro a passo (...). [p. 42]

d)

FR	Céder ou rendre <b>ce n’est pas</b> abandonner, <b>c’est</b> cesser d’agir. <b>Et</b> fixer <b>ce</b> n’est pas tirer. [p. 38]
PT	Ceder ou aliviar <b>não significa</b> abandonar, <b>significa</b> deixar de agir, <b>assim como</b> fixar não significa puxar. [p. 22]
Obs.	Perante a utilização das estruturas “ce n’est pas” e “c’est” para introduzir uma explicação no original, decidiu-se que a utilização do verbo “ser” não seria a melhor solução em português e que a sua substituição pelo verbo “significar”, sem alteração da ordem de palavras na frase, permitiria veicular melhor o sentido de explicação. Por outro lado, o início da segunda frase com a conjunção “et” obrigou a que fossem equacionadas outras soluções: uma delas seria iniciar a mesma frase com um outro marcador discursivo, outra passaria por juntar as frases. Esta última acabou por ser a opção escolhida.

### 3.2.2. Reforço e reformulação

Ao longo da obra, são várias as passagens em que os apontamentos de Antoine De Coux refletem a necessidade que Nuno Oliveira sentia de reforçar uma determinada ideia ou de a reformular para ser mais claro. Tal é compreensível no quadro do discurso didático e foi mantido claramente pelos organizadores da obra. Desta forma, foi importante conhecer o contexto em que as palavras foram proferidas e anotadas para mais facilmente se identificar estas estratégias e, assim, mantê-las no texto de chegada, conservando-se a identidade do texto de partida.

a)

FR	La descente de mains ce n'est pas « faire » un geste, mais simplement « ne pas agir » avec la main, <b>cesser d'agir</b> . [p. 39]
PT	A descida de mãos não significa “fazer” um gesto, mas simplesmente “não agir” com as mãos, <b>deixar de agir</b> . [p. 24]
Obs.	Neste exemplo, estamos perante uma estratégia de reforço, que é bastante comum ao longo da obra. Esta consiste em confirmar após a vírgula a ideia expressa imediatamente antes, recorrendo a uma expressão equivalente. Assim, o texto em português conserva a mesma estrutura do original, surgindo no final o mesmo reforço.

b)

FR	Le principe est d'être lié au mouvement du cheval, sauf exception. S'il précipite par exemple, on peut s'opposer. <b>Donc en principe, il convient de mettre les épaules parallèles aux épaules du cheval, sauf s'il précipite</b> . [p. 39]
PT	O princípio é o da ligação ao movimento do cavalo, salvo exceções. Por exemplo, se o cavalo se precipita, podemos-nos opor ao movimento. <b>Sendo assim, em princípio, convém manter os ombros paralelos às espáduas do cavalo, exceto se ele se precipitar</b> . [p. 22]
Obs.	A terceira frase é uma explicitação e reformulação das duas primeiras, marcada pelo articulador “donc”. Procurou-se manter o mesmo efeito na língua de chegada, conservando a mesma organização de ideias e a mesma estrutura, através do articulador “sendo assim”.

c)

FR	Il faut donc mollir et avancer la ceinture, <b>et non garder le rein rigide</b> . [p. 39]
PT	Por isso, têm de relaxar e avançar a cintura, <b>não podem manter os rins rígidos</b> . [p. 24]
Obs.	Nesta frase, começa-se por dizer o que é correto fazer e, na segunda parte, acrescenta-se o que não se deve fazer, sendo que as duas ações são opostas, excluindo-se. Ao contrário do que foi feito na tradução de outras frases (uso da expressão “em vez de” para introduzir a segunda parte da frase), na tradução desta, optou-se por se acrescentar o verbo “poder” na negativa para reforçar o que não deve ser feito por oposição ao que deve ser feito.

### 3.2.3. Frases nominais

Estas frases são bastantes comuns ao longo da obra. Claramente explicam-se pelo facto de a obra ter origem num conjunto de apontamentos que foram tomados de forma rápida e abreviada. Contudo, colocam problemas em termos de tradução, já que a tolerância da língua portuguesa a este tipo de construções é bastante limitada.

a)

FR	<b>Importance</b> de ne pas laisser le cheval se pendre aux rênes. [p. 62]
PT	<b>É importante</b> não deixar o cavalo apoiar-se nas rédeas. [p. 43]
Obs.	Considerou-se que uma frase do mesmo tipo em português não seria aceitável, mesmo no quadro de um discurso composto por apontamentos. Como tal, a solução passou por acrescentar o verbo “ser” conjugado e fazer uma transposição, substituindo o nome “importance” pelo adjetivo correspondente (“importante”, na língua de chegada).

b)

FR	<b>Discipline des figures.</b> Si le cheval se tord, il perd son impulsion, il flotte. [p. 67]
PT	<b><i>Disciplina das figuras</i></b> Se o cavalo se entorta, perde impulsão e flutua. [p. 47]
Obs.	Neste caso, tendo em conta as frases que se seguem, optou-se por se transformar esta frase nominal num título, à imagem de outros títulos que foram criados ao longo da obra.

### 3.2.4. Verbo no infinitivo

Pelas mesmas razões apontadas no ponto anterior, verifica-se ao longo da obra várias ocorrências de frases com o verbo principal no infinitivo. Em diversos momentos, o uso do verbo no infinitivo, quando se esperaria que ele estivesse conjugado, aparece associado ao discurso prescritivo, no âmbito de um conjunto de instruções dadas com um fim específico. Verificando cada situação em particular, em certos casos, foi claro que o verbo teria de ser conjugado para tornar a frase “gramatical” e mais “aceitável” para um leitor português. Noutros casos, quando estamos perante passagens que representam uma sequência de instruções e orientações para a realização de um determinado exercício, foi equacionada a manutenção do verbo no modo infinitivo, dadas as semelhanças que estas passagens têm com outros textos prescritivos que também conservam os verbos principais de cada frase no infinitivo (ex.: instruções presentes num manual; receita de culinária.). No fundo, com a progressão da tradução os limites do que seria aceitável em termos formais e estilísticos foram sendo revistos. Vejamos alguns exemplos das opções tomadas.

a)

FR	<b>Ne pas entamer</b> un exercice si la position (de tête par exemple) n'est pas bonne. [p. 60]
PT	<b>Não comecem</b> um exercício se a posição (da cabeça, por exemplo) não for boa. [p. 42]

b)

FR	Dans le travail latéral, d'abord <b>penser</b> à la poussée des anches, et puis le pli vient progressivement et non faire l'inverse. [p. 69]
PT	No trabalho lateral, em vez de começarem pelo <i>pli</i> , <b>pensem</b> primeiro na deslocação das ancas (...). [p. 48]
Obs.	Nos dois últimos exemplos, considerou-se que não seria justificável, nem benéfico manter o verbo no infinitivo na língua de chegada. Decidiu-se conjugar o verbo de forma que ele continuasse a representar um conselho ou uma instrução dirigida à comunidade dos cavaleiros em geral.

c)

FR	<b>Changer</b> de main en épaule droite en dedans [p. 153]
PT	<b>(...) muda</b> de mão em espádua direita adentro. [p. 116]
Obs.	Neste caso, sentiu-se a necessidade de acrescentar um sujeito, que aqui está subentendido, mas que surge expresso no texto que precede o excerto ("A cavaleira <b>toma</b> a linha do meio e faz um ladear à direita. Depois, <b>faz</b> uma contra-espádua direita adentro e <b>muda</b> de mão em espádua direita adentro"). Dado que se trata da descrição de uma lição, considerou-se que esta seria a melhor solução.

c)

FR	Reprise avec des jeunes chevaux : 1) <b>Détendre</b> quelques minutes au trot enlevé, rênes longues, dans un trot large et gaillard [p. 149]
PT	<i>Reprise com cavalos novos:</i> 1) <b>Descontrair</b> o cavalo durante alguns minutos em trote levantado, com rédeas compridas, num trote largo e enérgico. [p. 113]
Obs.	Este excerto pertence à única passagem em que se manteve o infinitivo ("Reprise... cession de nuque.", pp. 149 e 150), devido às características desta passagem (texto esquematizado, muito próximo de outros tipos de texto, tais como receitas e instruções, nos quais com facilidade encontramos o verbo no infinitivo).



### 3.2.5. Discurso abreviado e esquematizado

Devido à natureza do texto, é comum encontrar ao longo da obra diversas listagens e um discurso mais abreviado, ou seja, um discurso composto apenas por palavras-chave, por frases sem verbo ou frases em que faltam marcadores e articuladores que estariam presentes num discurso mais sofisticado. A tradução deste tipo de discurso colocou alguns desafios: foi necessário decidir que frases poderiam conservar o estilo próprio do original, que frases precisariam de conetores ou articuladores não presentes em francês, para clarificar a lógica do discurso, que frases precisariam de um acrescento de informação para tornar a mensagem mais clara ou que pequenas alterações em termos de estrutura ou construção frásica seria necessário fazer nos próprios esquemas para garantir a clareza e a eficácia discursiva na língua de chegada. Vejamos as diferentes opções tomadas a este nível.

a)

FR	Le public se rassied. <b>Mise au pas. Récompense. Caresses.</b> [p.63]
PT	O público senta-se. <b>O cavaleiro põe o cavalo a passo, recompensa-o e dá-lhe festas.</b> [p. 44]
Obs.	Dado que a primeira frase apresenta uma estrutura composta por sujeito e verbo, tornou-se claro que a manutenção em português das frases nominais que se seguem não seria viável. Como tal, optou-se por criar na língua de chegada uma frase que integrasse a informação das três frases em questão com a mesma estrutura da precedente. O sujeito dessa frase estava implícito.

b)

	Pendant toute la vie du cheval, à tout moment :
FR	1) Mains : prendre et rendre - prendre = serrer les doigts quand il résiste et rendre dès qu'il cède, - donc, descente de mains tout le temps. 2) Jambes : intervention chaque fois qu'il y a risque de perte d'impulsion. [p. 39]
PT	<i>Ao longo de toda a vida do cavalo, em qualquer circunstância:</i> 1) as mãos servem para resistir e ceder (fechar os dedos quando ele resiste e aligeirar quando ele cede) e, por isso, as descidas de mão devem ser frequentes; 2) as pernas servem para intervir sempre que o cavalo corre o risco de perder impulsão. [p. 24]
Obs.	Este é um exemplo de um esquema que sofreu alterações ao nível da forma (com a preocupação de fidelidade ao conteúdo), por forma a tornar a informação mais clara para o novo leitor na língua de chegada.

c)

FR	<b>Condition préalable</b> d'un bon reculer : <b>cheval droit</b> . [p. 80]
PT	<b>Pré-requisito de</b> um bom recuar: <b>ter o cavalo direito</b> . [p. 57]
Obs.	Trata-se de mais um exemplo de uma frase nominal, que, por isso mesmo, é representativa de um discurso mais sintético e económico. Sentiu-se que seria importante acrescentar o verbo “ter” e o artigo definido, por uma questão de clareza (o texto francês pretende transmitir que é importante que o cavaleiro tenha o cavalo direito antes de pedir um recuar), mas também porque, sem os elementos novos, esta frase causaria no mínimo estranheza ao leitor do texto de chegada.

d)

FR	Pour les transitions trot rassemblé – trot moyen – trot rassemblé, veiller à trois choses : 1) position stable de la nuque, 2) cadence de chaque trot identique, 3) parvenir au trot rassemblé par le buste et non par les mains. [p. 83]
PT	Nas transições trote concentrado – trote médio – trote concentrado, é preciso ter em atenção três coisas: 1) a posição da nuca <b>deve ser</b> estável, 2) a cadência <b>deve ser</b> idêntica em cada tipo de trote, 3) <b>deve-se</b> regressar ao trote concentrado usando o tronco em vez das mãos. [p. 60]
Obs.	Neste caso, devido à diferença de construção entre os pontos 1) e 2) (expressões nominais) e o ponto 3) (expressão introduzida por um verbo no infinitivo), decidiu-se acrescentar a expressão “deve ser” ao ponto 3) (verbo conjugado + verbo no infinitivo) aos pontos 1) e 2) e “deve-se” (a preceder o verbo “regressar”, que se mantém no infinitivo) por uma questão de uniformização.

e)

FR	<i>Au trot rassemblé, il faut :</i> 1) que la tête et la nuque soient le point le plus haut, 2) qu'il y ait l'engagement des postérieurs, 3) qu'il y ait un temps de suspension. [p. 81]
PT	No trote concentrado, é preciso que: 1) a cabeça e a nuca sejam o ponto mais alto, 2) os posteriores se mantenham ativos, 3) haja tempo de suspensão. [p. 58]
	Trata-se de um exemplo em que foi feita uma alteração menor apenas para evitar a repetição da conjunção “que”, juntando-a à expressão da qual depende diretamente (“é preciso”).

f)

FR	Pour les transitions <b>trot rassemblé – trot moyen – trot rassemblé</b> (...) [p. 83]
PT	Nas transições <b>trote concentrado – trote médio – trote concentrado</b> (...). [p. 60]
Obs.	Este é um exemplo de uma estrutura mais “esquemática” em francês que se manteve em português.

### 3.2.6. Deixis: marcas de pessoa – “vous”

Nem sempre foi fácil perceber com clareza quem seria o real referente do pronome “vous” e das restantes marcas de 2.ª pessoa do plural. Seriam as pessoas presentes durante a lição, seria a comunidade dos cavaleiros, presentes e não presentes? A questão tornou-se ainda mais complexa em passagens que descreviam uma determinada lição. Nesse caso, poderia ser o próprio cavaleiro, o cavaleiro e os presentes ou a comunidade dos cavaleiros em geral. O contexto ajudou a tomar as decisões e procurou-se manter a coerência das escolhas feitas.

a)

FR	Quand <b>vous</b> sentez au trot enlevé que le cheval va bien, qu’il ne flotte pas, que son encolure est droite et tranquille, asseyez- <b>vous</b> quelques foulées. [p. 125]
PT	Quando <b>sentirem</b> que o cavalo vai bem e não se desvia e que o seu pescoço está direito e quieto durante o trote levantado, <b>sentem-se</b> durante algumas passadas. [p. 90]
	Neste exemplo, estamos perante um conselho que se pode generalizar, como tal poderá ser útil a outros cavaleiros, noutras situações. Assim, e tendo em conta o texto que precede o excerto e a continuação deste, considerou-se que estas palavras se dirigem não só aos presentes, mas à comunidade dos cavaleiros e que a conjugação dos verbos deveria refleti-lo.

b)

	<i>Exemple d’une leçon (...)</i>
FR	Obligez le cheval à aller au coin. Poussez au galop et restez au galop jusqu’à ce que je <b>vous</b> dise de rester au trot. [p. 129]
PT	Obrigue o cavalo a fazer o canto. Faça-o sair a galope e ficar no galope até eu <b>lhe</b> dizer para voltar ao trote. [p. 96]
Obs.	Nuno Oliveira está a dirigir-se ao aluno a quem estava a dar a lição, como o comprova a expressão “jusqu’à ce que je vous dise”. Como tal, as opções de tradução têm de o refletir.

### 3.2.7. Ambiguidades

Certamente que as ambiguidades apresentadas em seguida não se colocaram a todos aqueles que assistiram às lições de Nuno Oliveira ou tiveram lições com ele, já que em contexto facilmente perceberiam os comentários do mestre, da mesma forma que o conhecimento que tinham sobre o ensino de cavalos lhes permitiria decodificar a mensagem. Desta forma, Antoine de Coux também não deve ter tido qualquer dúvida ao tomar as suas notas. Contudo, hoje, perante um texto tão económico, alguns leitores poderão questionar-se sobre o sentido de algumas frases, necessitando de uma leitura mais atenta ou “re-leitura” para clarificar esse mesmo sentido. As principais ambiguidades presentes ao longo da obra relacionam-se com uma dificuldade de distinção entre o que diz respeito ao cavalo e o que diz respeito ao cavaleiro, sendo que a correta distinção será fundamental para uma boa tradução. Por exemplo, surgem situações ambíguas quando são usadas palavras que se referem à morfologia do cavalo. Em francês, alguns desses termos aplicam-se tanto ao corpo do cavalo, como ao do cavaleiro. Em português, há uma palavra específica para cada um. Outras situações tornam-se ambíguas devido à utilização de pronomes pessoais que tanto podem referir-se ao cavalo como ao cavaleiro. Em seguida, apresentam-se alguns casos representativos de ambiguidade.

a)

FR	Donc abandonner la rêne droite pour alléger et dégager l' <b>épaule</b> droite (...). [p. 146]
PT	(...) abandonem a rédea direita para aligeirar e libertar a <b>espádua</b> direita (...). [p. 110]
Obs.	Tendo em conta o contexto, percebe-se que “épaule” refere-se a uma parte do corpo do cavalo. Os verbos “alléger” e “dégager”, dos quais “épaule” é complemento direto, representam uma ação do cavaleiro sobre o corpo do cavalo e não vice-versa.

b)

FR	La <b>jambe</b> ne doit être ni en avant ni en arrière (sauf cas particulier), mais simplement descendue. [p. 83]
PT	A <b>perna</b> não deve ficar nem para a frente, nem para trás (exceto casos particulares), mas simplesmente descida. [p. 60]
Obs.	Mais uma vez, o texto que precede o excerto permite resolver qualquer dúvida existente. Não se trata da “perna” do cavalo, mas do cavaleiro. Estamos perante uma instrução que diz respeito à posição em sela dos cavaleiros. Adicionalmente, o particípio passado com função adjetival “descida” é uma palavra que se usa frequentemente para descrever a correta posição das pernas do cavaleiro.

c)

FR	Étape suivante : après avoir changé de <b>main</b> , remettre le cheval au trot en rejoignant le grand côté. [p. 146]
PT	Etapa seguinte: depois de terem feito a mudança de <b>mão</b> , voltem ao trote quando chegarem à parede do lado grande do picadeiro. [p. 108]
Obs.	Neste caso, dado que não existe um sujeito expreso e a palavra “main” tanto se aplica a uma parte do corpo do cavalo como do cavaleiro, poderia haver dúvidas quanto à tradução da expressão “avoir changé de main”. Mais uma vez, o contexto torna-se decisivo para perceber que não se trata de uma mudança ao nível da ação das mãos do cavaleiro. Trata-se da alteração do sentido em que o cavalo circula dentro do picadeiro.

d)

FR	S’il précipite par exemple, on s’oppose. [p. 37]
PT	Por exemplo, se <b>o cavalo</b> se precipita, podemos-nos opor. [p. 23]
Obs.	Optou-se por substituir o pronome “il” pelo seu referente “cavalo”, uma vez que se considerou que isso beneficiaria a tradução.

### 3.2.8. Elipses e implícitos

As elipses e os implícitos são fruto da especificidade da obra traduzida, tendo em conta que se trata de um texto com origem num conjunto de apontamentos, que são o registo de um registo oral. É, portanto, um texto económico, como já foi referido e que parte do pressuposto de que os destinatários da mensagem serão capazes de decodificar a mensagem e preencher vazios pelo facto de o assunto lhes ser familiar. Na verdade, o trabalho do tradutor passou por decodificar o sentido do texto e decidir se as elipses e implícitos deveriam permanecer na língua de chegada ou se seria necessário acrescentar informação ao texto. O problema da tradução de textos que apresentam elipses relaciona-se com as diferenças estruturais entre a língua de partida e a língua de chegada e, nesse sentido, é necessário conhecer bem o funcionamento da língua de chegada para perceber o que é correto, tolerável ou aceitável e em que situações. Relativamente aos implícitos, trata-se de perceber o contexto de receção da obra, conhecer os potenciais leitores e avaliar o grau de clareza das expressões ou frases em questão.

a)

FR	<b>Pas d'impulsion</b> sans cadence et <b>pas de cadence</b> sans impulsion. [p. 60]
PT	Não há impulsão sem cadência, nem cadência sem impulsão. [p. 42]
Obs.	Neste exemplo, estamos perante uma elipse, pois o verbo “y avoir” encontra-se omitido. Trata-se de uma estrutura habitual no discurso oral ou menos formal em francês. Contudo, o português não o permite. Por uma questão de correção do discurso, foi acrescentado o verbo.

b)

FR	<b>Donc tourner</b> un peu la pointe des pieds vers l'extérieur. [p. 30]
PT	Por isso, <b>devem voltar</b> a ponta dos pés ligeiramente para fora. [p. 15]
Obs.	A omissão do verbo principal (elipse) pode ser tolerável em francês graças ao contexto, que permite facilmente preencher o vazio. Mas, na língua de chegada essa omissão não foi entendida como tolerável. Por isso, foi necessário acrescentar o verbo.

c)

FR	Quand un cheval bouge la tête, <b>manque</b> de fixité, c'est-à-dire qu'il perd l'impulsion. [p. 62]
PT	Quando um cavalo mexe a cabeça, <b>quando lhe falta fixidez</b> , significa que perdeu impulsão. [p. 43]
Obs.	A supressão da conjunção “quand” e do sujeito “il” (elipse) não compromete a compreensão do texto em francês. Contudo, a construção da frase na língua de chegada exigiu a repetição da conjunção “quando” e do complemento indireto “lhe”, por uma questão de clareza e correção.

d)

FR	Si un cheval résiste, <b>un bon moyen</b> c'est de le mettre sur un tout petit cercle (de la longueur du corps du cheval) en épaulement en dedans. [p. 59]
PT	Se um cavalo resiste, <b>uma boa forma de vencer a resistência</b> é fazer um círculo bem pequeno (do comprimento do corpo do cavalo) em espádua adentro. [p. 42]
Obs.	Na frase em francês, está implícito que se trata de uma forma de fazer ceder o cavalo. Contudo, a expressão “uma boa forma” exigiu um complemento na língua de chegada.

e)

FR	Ce n'est pas en faisant des kilomètres de trot et de galop qu'on obtient un bon trot et un bon galop, avec un <b>cheval qui ne pèse pas</b> . [p. 59]
PT	Não é pelo facto de fazermos quilómetros a trote e a galope que vamos obter um bom trote e um bom galope, com o <b>cavalo leve na mão</b> . [p. 42]
Obs.	A tradução da expressão destacada implicou duas decisões. A primeira está relacionada com a clarificação feita acrescentando a expressão “na mão”, que está implícita em francês. A segunda, relaciona-se com a tradução da expressão “cheval qui ne pèse pas” pela expressão “cavalo leve”. Na verdade, um cavaleiro português usaria com mais naturalidade neste contexto a expressão “cavalo leve na mão” (conotação positiva) do que a expressão “cavalo que não carrega” (conotação negativa).

f)

FR	<b>C'est après qu'on canalisera</b> . [p. 125]
PT	Só depois é que vamos canalizar. [p. 93]
Obs.	Está implícito que se trata de canalizar a energia criada para a execução de diferentes exercícios, mas foi entendido que não haveria necessidade de acrescentar elementos ao discurso.

g)

FR	La <b>jambe</b> ne doit être ni en avant ni en arrière (sauf cas particulier), mais simplement descendue. [p. 83]
PT	A <b>perna</b> não deve ficar nem para a frente, nem para trás (exceto casos particulares), mas simplesmente descida. [p. 60]
Obs.	Está implícito que se trata da perna do cavaleiro. Considerou-se que não seria necessário acrescentar essa informação, já que a frase seria compreendida pelos potenciais destinatários da obra.

### 3.3. Discurso hipotético

As frases representativas deste tipo de discurso encontradas ao longo da obra revelam ter uma estrutura bem definida e muito específica em francês e seguem quase sempre a fórmula “Si..., c'est que...” ou “Quand..., c'est que...”. Servem para representar situações hipotéticas com que nos podemos deparar ao ensinar cavalos e as ações ou situações a elas associadas. Fazem parte do discurso didático próprio das lições do mestre. Em seguida, apresentam-se as diferentes soluções encontradas na língua de chegada para criar o mesmo efeito e manter o sentido do original.

a)

FR	<b>Si</b> le cheval bouge la nuque, <b>c'est que</b> le cavalier a perdu le contrôle de quelque chose. [p. 58]
PT	<b>Se</b> o cavalo mexe a nuca, <b>então isso significa que</b> o cavaleiro perdeu o controle de qualquer coisa. [p. 41]
Obs.	A primeira parte, não levanta qualquer questão em termos de tradução. É a segunda parte, iniciada pela estrutura “c'est que” que levou a equacionar diferentes soluções. Neste caso, considerou-se que “então” manteria o mesmo estilo e sentido do original, permitindo introduzir esta segunda parte como a razão de ser da primeira.

b)

FR	Dans les transitions, veillez à la fixité de la tête. Car <b>si le cheval balance la tête, c'est qu'il</b> n'engage plus les postérieurs et qu'il y a manque d'impulsion. [p. 56]
PT	Nas transições, procurem manter a cabeça do cavalo fixa, <b>porque, se o cavalo</b> balança a cabeça, <b>está a dar sinal de</b> que já não tem os posteriores ativos e de que se movimenta sem impulsão. [p. 38]
Obs.	Encontramos neste exemplo uma estrutura idêntica ao primeiro exemplo e, embora a solução encontrada para traduzir o sentido de “c'est que” seja diferente, o efeito procurado foi o mesmo (introduzir a segunda parte, iniciada por “c'est que” em francês, como sendo motivada pela primeira).

c)

FR	<b>Quand</b> votre cheval commence à lâcher la main et à remuer la tête, poussez, <b>c'est qu'il</b> perd l'impulsion. [p. 56]
PT	Quando o cavalo começa a sair da mão e a abanar a cabeça, têm de o empurrar, <b>porque isso significa que</b> ele perdeu impulsão. [p. 38]
Obs.	A tradução permite transmitir que, no caso de o cavalo sair da mão e abanar a cabeça, essa situação será uma evidência e uma consequência de ele ter perdido impulsão.



### 3.4. A modalidade deôntica

Segundo a *Gramática da Língua Portuguesa*, “A modalidade deôntica diz respeito às circunstâncias externas (pessoais, regras sociais ou normas...) que permitem ou obrigam o participante a envolver-se na situação” (MATEUS, 2003: p. 248). Se em francês a diferença de sentido entre “devoir” e “il falloir” é praticamente inexistente, em português há uma diferença maior entre “dever” e “ter de”, tendo este último um sentido de obrigatoriedade maior. Desta forma, houve um conjunto de *nuances* e de diferenças entre as duas línguas a ter em conta.

a)

FR	Au trot, si vous <b>ne devez pas</b> pousser avec les jambes ni freiner avec les mains, c’est que vous avec une cadence valable. [p. 55]
PT	A trote, se <b>não tiverem</b> de empurrar com as pernas, nem de travar com as mãos, têm uma cadência válida. [p. 38]
Obs.	Neste exemplo, considerou-se que “não ter” seria a solução que melhor transmitiria o sentido do original (“ne devez pas” tem o sentido de “não ser preciso”).

b)

FR	Il <b>doit</b> toujours être suivi d’une cession des mains et des jambes. [p. 39]
PT	<b>Deve</b> ser sempre seguido de uma cedência das pernas e das mãos. [p. 24]
Obs.	Neste caso, optou-se pelo verbo “dever” como tradução do verbo “devoir”. Não sendo tão forte como “ter de”, “dever” assumiu-se como uma escolha mais adequada neste contexto.

c)

FR	Si vous reculez les épaules, sans relaxer la ceinture, vous prenez sur l’impulsion. Il <b>faud</b> donc mollir et avancer la ceinture, et non garder la ceinture raide. [p. 39]
PT	Se recuarem os ombros sem descontraírem a cintura, vão prejudicar a impulsão do cavalo. Por isso, <b>têm de</b> relaxar e avançar a cintura, não podem manter os rins rígidos. [p. 24]
Obs.	No texto francês, “mollir et avancer la ceinture” surge como condição essencial. Por isso, considerou-se que “ter de” seria a melhor escolha para exprimir este sentido.

d)

FR	Il <b>faud</b> être léger sur le dos du cheval ; le cavalier est léger quand il est relaxé (...). [p. 36]
PT	<b>Temos de ser</b> ligeiros em cima do dorso do cavalo; o cavaleiro é ligeiro quando se encontra descontraído (...). [p. 21]
Obs.	A necessidade de criar uma maior coesão e clareza (o sujeito da frase assim é mais claro) levou à alteração da sua estrutura e à tradução por “ter de”, que confere bem à frase em português o sentido de obrigação presente na frase em francês.

e)

FR	Il <b>ne faut pas</b> confondre légèreté avec fausse légèreté où un cavalier sous prétexte de légèreté laisse son cheval flottant et sans impulsion. [p. 57]
PT	<b>Não podemos</b> confundir ligeireza com uma situação de falsa ligeireza em que o cavaleiro, sob o pretexto de manter o cavalo ligeiro, monta o cavalo sem impulsão e deixa que ele flutue. [p. 38]
Obs.	Trata-se de um exemplo em que o verbo “il falloir” na negativa foi traduzido por “Não podemos”, para se conservar o sentido de obrigatoriedade presente no francês. Optou-se pela segunda pessoa do plural, porque se trata de algo que deve ser respeitado pela comunidade dos cavaleiros, da qual faz parte Nuno Oliveira.

### 3.5. Construção sintática e ordem de palavras

Algumas frases demonstraram precisar de alguma reorganização ou da simples deslocção de um dos elementos para as adaptar à sintaxe do português, por uma questão de estilo, fluidez ou clareza. Nalguns casos, tal deve-se realmente à diferença entre o sistema da língua portuguesa e o sistema da língua francesa. Noutros casos, deve-se ao facto de o texto resultar de um conjunto de apontamentos que revelam uma maior preocupação com o registo da informação à medida que ela ia sendo dada e uma menor preocupação com o rigor com que esse registo ia sendo feito. Sendo assim, a transposição para português pediu alguma reorganização.

a)

FR	Chaque cheval entre dans la cadence, non par la main du cavalier mais <b>par l'exercice approprié</b> préalable qui le prépare. [p.55]
PT	Os cavalos entram na cadência <b>através da realização de um exercício apropriado</b> que serve de preparação e não através da mão do cavaleiro. [p. 38]

b)

FR	Si, <b>dans un essai d'épaule en dedans avec un jeune cheval</b> , celui-ci résiste, ne pas insister. [p. 105]
PT	Se um cavalo novo resiste <b>ao fazerem uma tentativa de espádua adentro</b> , não insistam. [p. 78]
Obs.	Considerou-se que o elemento móvel destacado ficaria melhor colocado no final da oração.

c)

FR	Si aux trois allures, sur la ligne du milieu, bien droit, vous pouvez faire tant à gauche qu'à droite, un cercle de six mètres, <b>votre cheval est dressé</b> . [p. 57]
PT	<b>O vosso cavalo está ensinado</b> se, nos três andamentos, conseguirem fazer um círculo de seis metros tanto para a direita, como para a esquerda, partindo de uma linha do meio feita bem a direito. [p. 40]
	Por uma questão de naturalidade e fluidez do discurso e tendo em conta a estrutura da língua de chegada, procedeu-se a uma reorganização da frase. Deslocou-se para o início da frase o final da mesma em francês e colocou-se a seguir à palavra “círculo” um conjunto de informação que caracteriza a forma como este deve ser feito e que estava dispersa.

d)

FR	S'il précipite <b>par exemple</b> , on peut s'opposer. [p. 37]
PT	<b>Por exemplo</b> , se o cavalo se precipita, podemo-nos opor ao movimento. [p. 22]
Obs.	Por uma questão de estilo, deslocou-se a expressão “por exemplo” para início da frase.

### 3.6. Modulação

Em certos casos, a tradução levou a uma mudança de perspetiva. Segundo Vinay e Darbelnet, “La modulation est une variation dans le message, obtenue en changeant de point de vue, d'éclairage. Elle se justifie quand on s'aperçoit que la traduction littérale ou même transposée aboutit à un énoncé grammaticalement correct, mais qui se heurte au génie de la LA. ” (1977 : 51). Claro que, por vezes, se tratou de uma modulação facultativa, mas casos houve em que tal se revelou obrigatório. Tendo em conta que uma língua representa uma determinada visão do mundo, é natural que algumas mudanças a este nível tenham sido feitas. Vejamos alguns dos casos e as soluções encontradas.

a)

FR	Et il faut entrer dans l'exercice (une épaule en dedans par exemple) <b>avec la même cadence</b> . [p. 58]
PT	Também é importante que ele entre no exercício (uma espádua adentro, por exemplo) <b>sem alterar a cadência</b> . [p. 41]
Obs.	Em vez de se fazer uma tradução literal (“com a mesma cadência”), optou-se por uma ligeira mudança de perspetiva e preferiu-se a expressão “sem alterar a cadência”. A tradução literal não levantaria problemas de ordem gramatical, mas, por uma questão de estilo, preferiu-se a alteração. Trata-se, pois, de uma modulação facultativa.

b)

FR	Ne faites des transitions que <b>quand le cheval n'est pas en résistance</b> . [p. 68]
PT	Não façam transições <b>se o cavalo oferecer resistências</b> . [p. 48]
Obs.	Ao contrário do que se passa no texto em francês, com a tradução, a negação passou a recair sobre o verbo da primeira oração. Mais uma vez, trata-se de uma mudança facultativa, mas permite que a frase seja mais natural na língua de chegada (é mais provável ouvir um cavaleiro em português a reforçar quando não se deve fazer transições).

c)

FR	Ne pas partir au trot <b>avant que le cheval ne soit placé au pas</b> . [p. 78]
PT	Não se deve sair a trote <b>se o cavalo não estiver colocado a passo</b> . [p.56]
Obs.	A segunda frase representa uma alteração de perspetiva, na medida em que a segunda oração em francês usa a locução conjuncional “avant que” e encontra-se na afirmativa, com um sentido temporal, enquanto a segunda oração em português é introduzida pela conjunção “se” e encontra-se na negativa.

d)

FR	<b>Un bon trot doit se détacher</b> du sol et non se pousser horizontalement vers l'avant dans un trot rasant. [p. 77]
PT	<b>Um bom trote é aquele em que o cavalo se afasta do solo</b> , em vez de se lançar horizontalmente para a frente num trote raso. [p. 56]
	Recorrendo ao processo que Vinay chama de “étoffement” (VINAY: 109), acrescentou-se a palavra “cavalo” que substituiu a palavra “trote” como sujeito dos verbos “afastar” e “lançar”. Procurou-se dar à frase uma maior coerência e lógica.

### 3.7. Tradução de determinantes

A tradução de certos determinantes pode exigir alguma reflexão, já que nem sempre a tradução literal do mesmo permite uma tradução correta e fiel ao sentido do original. Para que a tradução seja a melhor possível, é necessário conhecer bem as duas línguas e, neste caso, o funcionamento dos diversos determinantes, para se conseguir encontrar o melhor equivalente na língua de chegada, tendo em conta o uso e o sentido que se pretende dar ao texto.

a)

FR	<b>Chaque</b> cheval entre dans la cadence, non par la main du cavalier mais par l'exercice approprié préalable qui le prépare. [p. 55]
PT	<b>Os</b> cavalos entram na cadência através da realização de um exercício apropriado que serve de preparação e não através da mão do cavaleiro. [p. 38]
Obs	"Chaque" tem no original o sentido de "todos", cada um deles, sem exceção. Optou-se pela utilização de "os" e do plural na língua de chegada, justamente porque, assim, se consegue obter esse sentido generalizado criado pelo francês.

b)

FR	<b>Tout</b> travail latéral commence par l'arrière-main. [p. 58]
PT	<b>O</b> trabalho lateral começa sempre no pós-mão. [p. 40]
Obs.	Não podendo ser feita uma tradução literal, optou-se pelo determinante artigo definido "o" e acrescentou-se a palavra "sempre" para se alcançar o sentido do francês "tout travail".

c)

FR	<b>Un cheval</b> doit rester avec sa tête placée, sinon il s'échappe. [p. 61]
PT	<b>O cavalo</b> deve permanecer com a cabeça colocada, se não, foge-nos. [p. 40]
Obs.	Por uma questão de estilo e de funcionamento dos determinantes artigos definidos e indefinidos em português, considerou-se que a melhor opção seria o determinante artigo definido "o" na tradução.

### 3.8. Gerúndio

Em termos de estrutura, o gerúndio não funciona da mesma forma em francês e em português. De facto, em certas frases constatou-se a necessidade de utilizar outras soluções para transmitir o mesmo sentido, quer por uma questão de estilo, quer por uma questão de correção linguística. A maior parte das dificuldades surgem nos casos em que o gerúndio é usado para referir um meio com vista a um determinado fim. Vejamos dois casos disso representativos.

a)

FR	C'est <b>en équilibrant</b> qu'on met un cheval un avant et non et le faisant trotter ou galoper pendant des heures sur des rênes libres. [p. 59]
PT	<b>É o facto de equilibrarmos</b> o cavalo que nos permite colocá-lo para diante e não <b>o facto de o fazermos</b> trotar ou galopar durante horas seguidas com as rédeas soltas. [p. 41]
Obs.	Não é possível usar o gerúndio inserido numa construção clivada em português. Como tal, e tendo em conta o foco criado por esta construção em francês, foi necessário alterar a conjugação verbal. A introdução do verbo "permitir" recupera o efeito criado pelo gerúndio na língua de partida.

b)

FR	C'est n'est pas <b>en faisant</b> des kilomètres de trot et de galop qu'on obtient un bon trop et un bon galop (...). [p. 59]
PT	Não é <b>pelo facto de fazermos</b> quilómetros a trote e a galope que vamos obter um cavalo leve com um bom trote e um bom galope (...). [p. 41]
Obs.	Trata-se da mesma situação descrita no exemplo anterior. Neste caso, é o verbo "obter" que permite manter a relação meio-fim.

### 3.9. O verbo "être"

A tradução do verbo "être" para a língua portuguesa nem sempre é linear pelos múltiplos valores que ele pode assumir e pelas diferentes aceções que este pode ter. Os exemplos seguintes ilustram algumas dessas diferentes possibilidades de tradução deste verbo para a língua portuguesa.

a)

FR	<p>Gardez le contact (le contact léger) avec des rênes ajustées. Si elles <b>sont</b> trop courtes, vous prenez sur l'impulsion ; si elles <b>sont</b> trop longues, le cheval flotte et vous abandonnez.</p> <p>Il faut <b>être</b> léger sur le dos du cheval ; le cavalier <b>est</b> léger quand il <b>est</b> relaxé, n'a pas le buste rigide ni les fesses contactées. Si le buste <b>est</b> rigide, il s'oppose au mouvement. [p. 36]</p>
PT	<p>Mantenham o contacto (um contacto ligeiro) com as rédeas ajustadas. Se elas <b>estão</b> demasiado curtas, prejudicam a impulsão; se elas <b>estão</b> demasiado longas, o cavalo flutua e fica abandonado.</p> <p>O cavaleiro tem de <b>ser</b> ligeiro em cima do dorso do cavalo; ele <b>é</b> ligeiro quando se <b>encontra</b> descontraído, não tem o tronco rígido, nem o assento contraído. Se <b>mantém</b> o tronco rígido, vai opor-se ao movimento. [p. 21]</p>

Obs.	As duas primeiras ocorrências do verbo “être” (primeiro parágrafo) revelam um estado, como tal, optou-se pelo verbo “estar” em português. Quanto à terceira e quarta ocorrências (“il faut être léger”; “le cavalier est léger”), o verbo aparece associado a uma qualidade do cavaleiro, desta forma, optou-se pelo verbo “ser” em português. Já na quinta ocorrência (“il est relaxé”), estamos igualmente perante um estado, uma situação que pode não ser permanente, daí ter sido escolhido o verbo “encontrar”. Por último, na última frase, por uma questão de estilo, optou-se por mudar o sujeito da frase. Sendo o sujeito da frase “o cavaleiro”, o verbo “manter” mostrou-se como o mais adequado.
------	--

b)

FR	Quand un cheval est capable de garder la cadence et la mise en main au pas, bien des problèmes <b>sont</b> résolus. [p. 56]
PT	A partir do momento em que um cavalo é capaz de manter a cadência e de se manter na mão no passo, há muitos problemas que <b>ficam</b> resolvidos. [p. 38]
Obs.	Nesta frase, o verbo “être” exprime um resultado. Assim, considerou-se que o verbo “ficar”, com o seu valor transacional, (LEJEUNE; 2011: 10, 11) conseguiria manter o valor do verbo no texto em francês.

### 3.10. A linguagem da especialidade

Um dos grandes desafios que a tradução desta obra coloca é a especificidade da linguagem usada. Para além de termos técnicos e científicos, são usadas diversas expressões consagradas, expressões cristalizadas, que admitem poucas alterações ou nenhuma. Dado que a especificidade da linguagem já foi analisada, cabe aqui refletir sobre o processo de tradução.

Em primeiro lugar, quando se traduz um texto com esta especificidade, é necessário algum conhecimento da matéria, para ele possa ser corretamente compreendido. Desta forma, o tradutor deve ter já algum domínio da linguagem específica desta área, porque, sem este domínio, a tradução desta obra revelar-se-ia impossível. Este conhecimento foi essencial para a compreensão e para a tradução numa primeira fase. Na verdade, há várias expressões usadas que necessitam de uma atenção especial para serem entendidas como expressões “técnicas” e não na sua aceção comum. Neste sentido, foi preciso manter uma constante suspeição, porque não raramente foram encontrados termos que poderiam ter sido traduzidos literalmente, enquanto o seu equivalente em português está longe de ser a sua tradução literal.

Numa segunda fase de tradução e durante a revisão, algumas dúvidas persistiram. Para as resolver, foram consultadas obras e artigos da especialidade e contou-se com a colaboração de profissionais da equitação.

Procurou-se sempre a fidelidade ao original e a correção da tradução, que esta fosse rigorosa e que soasse natural aos cavaleiros que lessem o texto. Sendo assim, procurou-se ainda que as opções tomadas não prejudicassem a clareza do texto.

Apresentam-se a seguir alguns exemplos.

### i) Casos em que a tradução literal é a tradução correta

Trata-se de casos em que o tradutor poderia cair no erro de encontrar outra tradução, por achar a tradução literal demasiado óbvia ou pouco lógica. Na verdade, trata-se de expressões comuns e corretas, que se ouvem frequentemente. Algumas serão certamente decalque do francês.

a)

FR	<i>S'incurver – <b>s'arc-bouter</b> – concave – convexe</i> [p. 72]
PT	<i>Encurvar-se – <b>arquear-se</b> – côncavo – convexo</i> [p. 51]

b)

FR	Rappel : du côté convexe, <b>jouer</b> avec la rêne (...). [p. 63]
PT	Atenção: devemos <b>brincar</b> com a rédea do lado convexo (...) [p. 44]

c)

FR	À propos de la règle « <b>pousser</b> , prendre et rendre » (...) [p. 50]
PT	Em relação à regra “ <b>empurrar</b> , resistir e ceder” (...) [p. 35]

d)

FR	(...) pour <b>asseoir</b> davantage le cheval (...). [p. 46]
PT	(...) para <b>sentar</b> mais o cavalo” (...). [p. 32]

e)

FR	Si le cheval se tord, il perd son impulsion, il <b>flotte</b> . [p. 67]
PT	Se o cavalo se entorta, perde impulsão e <b>flutua</b> . [p. 49]



## ii) Casos em que se manteve a palavra francesa

Foram vários os termos que se mantiveram em francês, dado que continuam a ser usados assim, tanto na oralidade, como na escrita.

a)

FR	La jambe intérieure sert aussi à aider la rêne intérieure pour l'obtention et le maintien du <b>plis</b> . [p. 67]
PT	A perna de dentro também pode auxiliar a rédea de dentro quando queremos obter e manter o <b>plis</b> . [p. 32]

b)

FR	Chapître 10 – <b>Piaffer, Passage</b> et Pas Espagnol [p. 117]
PT	Capítulo 10 – <b>Piaffer, Passage</b> e Passo Espanhol [p. 89]

## iii) Expressões que representam exercícios realizados pelo cavalo

Nos casos seguintes, foi necessário que o tradutor já estivesse, pelo menos, alertado para este tipo de expressões, que não podem ser traduzidas literalmente.

a)

FR	Si dans un exercice (un <b>appuyer</b> par exemple), le cheval précipite (...). [p. 45]
PT	Se o cavalo se precipita num exercício como o <b>ladear</b> , por exemplo (...). [p. 41]
Obs.	A mesma palavra surge como verbo (“appuyer”, “s’appuyer”) ao longo da obra e, nesse caso, tem o significado de “apoiar” ou “apoiar-se”. É este o caso.

b)

FR	(...) un travail consistant à effectuer au pas et au trot des « <b>marcher large</b> » (...). [p. 132]
PT	(...) um trabalho que consiste em <b>andar ao longo da parede</b> , a passo e a trote (...). [p. 100]

#### iv) Expressões que descrevem comportamentos ou reações do cavalo

Trata-se de expressões que têm muitas vezes uma componente imagética forte na forma como representam a atitude ou a reação do cavalo. O mesmo se passa em português. Foi necessário também nestes casos encontrar os equivalentes.

a)

FR	(...) sinon le cheval risque d' <b>être creux</b> . [p. 68]
PT	(...) pois corremos o risco de o cavalo <b>ficar ao contrário</b> . [p. 49]

b)

FR	Retenir et pousser <b>pour mettre le cheval en boule</b> au pas. [p. 75]
PT	É preciso reter e empurrar o cavalo <b>para que ele se feche a passo</b> . [p. 55]

c)

FR	2) Laisser le cheval tomber au galop (...). [p. 149]
PT	2) Deixar o cavalo sair a galope (...). [p. 116]

## Conclusão

Quando decidi inscrever-me no Mestrado em Tradução, tinha em mente um objetivo muito concreto: tornar-me uma melhor tradutora, ou seja, uma tradutora mais consciente e mais competente. Para tal, procurava adquirir conhecimentos na área da tradução, refletir sobre o processo de tradução e, sobretudo, desenvolver novas competências e aperfeiçoar algumas já existentes. Desta forma, a decisão de realizar um trabalho de projeto que tivesse por base a tradução de uma obra revelou ser o caminho acertado, na medida em que foi ao encontro do meu desejo de desenvolver uma experiência concreta de tradução, o mais próxima possível de uma experiência profissional. Foi um trabalho absorvente e entusiasmante, desenvolvido ao longo de cerca de um ano e que considero bastante proveitoso.

A realização deste projeto teve duas fases distintas: a fase da tradução e a fase da análise da mesma. Começo por fazer um balanço do trabalho de tradução em si. Pela primeira vez, tive a oportunidade de traduzir uma obra integral. Foi uma experiência que confirmou expectativas, trouxe aprendizagens e revelou dificuldades, algumas esperadas, outras nem tanto. Quanto às expectativas, confirmou ser um processo longo e minucioso, exigindo alguma persistência e capacidade de autocrítica. Relativamente às aprendizagens, aprendi a planificar um trabalho desta natureza e compreendi que é essencial respeitar os prazos que impus a mim mesma. Na verdade, conquistei uma noção diferente do tempo que cada frase pode levar a traduzir, da dificuldade que cada palavra pode levantar e de como uma pequena expressão pode demorar mais tempo a resolver definitivamente do que uma página inteira a ser traduzida. Ganhei ainda bastante em termos de métodos e estratégias de tradução e de procura de soluções, que se quiseram coerentes e fiéis ao espírito do original. Desenvolvi uma maior sensibilidade às línguas francesa e portuguesa (muito devido à especificidade do texto), às suas subtilezas, nuances e possibilidades. Posso ainda dizer que aprendi a gerir a necessidade de afastamento do texto e de aproximação a ele: afastamento, porque se revelou necessário algum distanciamento para depois voltar e perceber algo que tinha passado despercebido, resolver algo que tinha ficado por resolver e que só o afastamento permitiu ver com outros olhos; aproximação, porque só a imersão no texto e a tentativa de o "desmontar" permitiu o avançar da tradução.

Relativamente ao relatório, ele revelou-se extramente enriquecedor pela reflexão que permitiu. Esta análise à prática da tradução permitiu-me ganhar uma consciência mais sólida do trabalho realizado, contribuindo não raras vezes para uma revisão e melhoria da tradução já feita. Para além de beneficiar de forma bastante construtiva o trabalho já realizado, acredito que a elaboração deste relatório vai contribuir também para melhorar a minha prática futura enquanto tradutora. Sendo este o trabalho de tradução mais difícil que tive até hoje, foi também aquele que me permitiu crescer mais enquanto tradutora, e o relatório teve um papel fundamental na consolidação dessa aprendizagem.

Por fim, termino manifestando a vontade de que este não tenha sido um ponto de chegada, esperando que tudo aquilo que conquistei ao longo destes dois anos de mestrado sirva de ponte para novas aprendizagens e uma constante evolução.

## Bibliografia

### 1. O original (para tradução)

DE COUX, Antoine (2007), *Paroles du Maître Nuno Oiveira*. Paris : Éditions Belin.

### 2. Obras consultadas na área da linguística e da tradução (para a tradução e para o relatório)

*Dicionário da Língua Portuguesa (2004)*. Porto: Porto Editora

*Dicionário de Francês-Português (1999)*, 1.ª edição. Porto: Porto Editora.

*Le Nouveau Petit Robert (1996)*. Paris: Dictionnaires Le Robert.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire (2000), *Approches de la Langue Parlée en Français*. Paris : Ophrys.

CUNHA, Celso e Luís Lindley CINTRA (2002), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 17.ª edição. Lisboa: João Sá da Costa.

LEJEUNE, Pierre (2011), «A tradução do verbo polissémico português *ficar*: *rester* e o resto» [La traduction du verbe polysémique portugais *ficar*: *rester* et le reste]. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, vol. 9, n.º 16, p. 15.

MAINGUENEAU, Dominique (1999), *L'Énontiation en Linguistique Française*, nouvelle édition. Paris : Hachette Livre.

MATEUS, Maria Helena *et alii* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*, 5.ª edição (revista e aumentada). Lisboa: Caminho.

RIEGEL, Martin, PELLAT, Jean-Christophe e RIOUL, René (1994), *Grammaire méthodique du français*. Paris : PUF.

TAMBA-METZ I. (1989), «La double énigme de *on* aux concepts de pronom et de personne linguistique en français et en japonais», *Sophia Linguistica*, n.º 27, pp. 5-23.

VINAY, Jean-Paul e DARBELNET, Jean (1958), *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier.

### 3. Obras consultadas na área da equitação (para a tradução)

CLINCH, Moira (dir.) (2001), *Manual do Cavaleiro, A Sela e os Arreios*. Lisboa: Editorial Estampa.

PERTHUIS, Bertrand (dir.) (2009), *Larousse du Cheval et du Poney*. Paris : Larousse.

SILVA, Ana Teresa Martins da (2009), *Hipologia – Guia para o Estudo do Cavalo*. Lisboa: Lidel.

## **Webgrafia**

### **1. Recursos consultados na área da linguística (para a tradução e para o relatório)**

*Dicionário Larousse*: [www.larousse.fr/dictionnaires/francais](http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais)

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa: <http://www.ciberduvidas.pt>

### **2. Recursos consultados na área da equitação e sobre Nuno Oliveira**

Blog sobre equitação clássica: <http://equitacao-classica.blogspot.p> [consultado durante a realização de todo o trabalho de projeto]

*Site* da Quinta do Brejo: <http://www.quintadobrejo.pt/mnuno.html> [consultado em 05/08/2014]

## **Apêndice: o original e a tradução**